

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

ALINE SILVA BARROS

**O espaço público e a iniciativa privada:
contradições e conflitos socioespaciais em Ferraz de Vasconcelos**

São Paulo

2016

ALINE SILVA BARROS

**O espaço público e a iniciativa privada:
contradições e conflitos socioespaciais em Ferraz de Vasconcelos**

Trabalho de Graduação Individual apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Isabel Alvarez

São Paulo

2016

Aos meus pais, meus grandes heróis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que desde o começo me incentivaram a nunca desistir de terminar essa caminhada que, embora longa, foi de extrema importância para meu crescimento como profissional e, principalmente, como ser humano.

Aos meus pais, Maria José e João, que de todas as formas possíveis se mantiveram ao meu lado para me apoiar incondicionalmente durante essa jornada, onde talvez por eles eu não tenha desistido no meio desse caminho, e, certamente, ambos foram a força que me moveu a continuar. Compartilharam seu sangue nordestino comigo, o que não me fez fraquejar, além de me fazer despertar o interesse pela Geografia. Jamais poderei expressar o tamanho da minha gratidão.

Aos amigos que a vida me apresentou, onde mesmo estando longe, estão comigo todos os dias, me fazendo crescer e me sentir mais humana a cada momento.

Aos amigos que a Universidade me deu, aos quais serei incapaz de nominar para não cometer injustiças, mas que tenho plena certeza de que sabem que são eles os quais me refiro. Agradeço pela força incrível, pelas conversas inesquecíveis, pelos debates, viagens marcantes e apoio incondicional desde o meu primeiro momento como universitária, espero levá-los para toda a vida.

Aos colegas com quem tive a oportunidade de trabalhar e crescer como profissional nos estágios da graduação, obrigada pelos ensinamentos e companheirismo.

Aos meus professores que participaram de minha jornada universitária e contribuíram para o meu conhecimento, e em especial à minha orientadora, por acreditar no meu projeto e não me deixar desistir, pelas sugestões e, acima de tudo, pelo carinho e paciência com os quais sempre me tratou.

A todos, meu muito obrigada.

*O Sol nasce e ilumina as pedras evoluídas.
Que cresceram com a força de pedreiros suicidas.
Cavaleiros circulam vigiando as pessoas. Não
importa se são ruins, nem importa se são boas.*

A cidade

Chico Science & Nação Zumbi

RESUMO

O espaço público e a iniciativa privada: contradições e conflitos socioespaciais em Ferraz de Vasconcelos

Este trabalho trata dos processos conflitantes entre espaço público e privado, da modernização de empreendimentos nas cidades e suas relações com o lazer no âmbito de uma pequena cidade na periferia da grande São Paulo, Ferraz de Vasconcelos, que alojará um *Shopping Center*. Assim, buscou-se efetuar um estudo baseado em teorias geográficas para entender como se dá esse processo, fazendo uma retrospectiva da história da cidade para entender as tendências que podem se seguir, na tentativa de explicar as contradições existentes.

Palavras-chave: Cidade. Ferraz de Vasconcelos. Shopping Center. Espaço Público. Privatização.

ABSTRACT

The public space and the private enterprise: socio-spatial contradictions and conflicts in Ferraz de Vasconcelos.

This work deals with conflicting processes between public and private spaces, the modernization of enterprises in cities and their relations with leisure within the scope of a small city on the outskirts of greater São Paulo, Ferraz de Vasconcelos, in which a shopping mall will be built. Thus, there was an attempt to conduct a study based on geographic theories in order to understand how this process takes place by doing a retrospective analysis of the city's history to understand the trends that can follow in an attempt to explain the existing contradictions.

Keywords: City. Ferraz de Vasconcelos. Shopping Mall. Public Space. Privatization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mudança de estrutura social da pirâmide para o losango.....	42
Figura 2 - Ofertas do Condomínio Park dos Sonhos.....	54
Figura 3 - Localização do 'Birutão'	63
Figura 4 - Modelo do projeto do 'Shopping Ferraz'	65

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Oitava Festa da Uva Fina em Ferraz de Vasconcelos	27
Fotografia 2 - Polícia repreende jovens no Shopping Itaquera.....	59
Fotografia 3 - Jogo comemorativo no antigo 'Birutão'	64
Fotografia 4 - Um dos eventos esportivos no Complexo	64
Fotografia 5 - Situação do 'Birutão' em 2012	67

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Taxa de crescimento populacional das cidades de São Paulo e Ferraz de Vasconcelos de 1950 - 2010.....	23
Gráfico 2: Número de Empregos Formais em Ferraz de Vasconcelos nos anos de 2000 e 2010	25
Gráfico 3: Ascendência da classe C entre os anos de 1993 e 2014	43

Gráfico 4: Índice de desenvolvimento humano dos municípios do Alto Tietê	46
Gráfico 5: Produto Interno Bruto dos municípios do Alto Tietê	47
Gráfico 6: Investimento em esporte, turismo e lazer nos municípios do Alto Tietê	49
Gráfico 7: Renda Per capita dos municípios do Alto Tietê	50
Gráfico 8: Rendimento médio mensal das Pessoas Responsáveis pelos domicílios particulares permanentes em Ferraz de Vasconcelos	51
Gráfico 9: Frota Total de Veículos em Ferraz de Vasconcelos entre 2002 e 2012 ...	52
Gráfico 10: População e estatísticas vitais em Ferraz de Vasconcelos	69

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Pesquisa censitária do ano de 1887 nos núcleos coloniais paulistas	19
Tabela 2: Taxa da população Economicamente Ativa de Ferraz de Vasconcelos nos anos de 2000 e 2010.....	25
Tabela 3: Resultados da pesquisa de campo.....	74

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO	12
2 UM ARRANJO HISTÓRICO: ALTO TIETÊ E FERRAZ DE VASCONCELOS	18
3 O ESPAÇO PÚBLICO NAS CIDADES	28
3.1 A história	28
3.2 O espaço público na cidade contemporânea	31
4 NOVOS PRODUTOS DE LAZER, CONSUMO E MORADIA	41
4.1 Um viés econômico	41
4.2A privatização e individualização do espaço	53
5 PRIVATIZAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO: O CASO DE FERRAZ DE VASCONCELOS	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	79

INTRODUÇÃO

Os lugares públicos desde os primórdios das civilizações ocidentais foram de vital importância para a construção e evolução da democracia. Praças e parques públicos fazem parte da história da humanidade por proporcionarem momentos de lazer para o homem livre na antiguidade e também para os momentos de lazer do homem na cidade capitalista.

Sabemos que no sistema capitalista a forma de produzir e reproduzir espaço cresce e abarca a sociedade como um todo, onde transforma todo o produto em mercadoria. A propriedade privada acaba por assumir um lugar importante nesse processo, atuando na valorização dos espaços e mudando a função do indivíduo em cada lugar; se apropria dos lugares da vida cotidiana, controla e assegura o acesso de determinadas pessoas a determinados lugares.

Os espaços públicos têm sido fundamentais para a manutenção do tempo livre da sociedade, onde muitas cidades acabam investindo em áreas verdes, praças, parques, para garantir o que sabemos que é a qualidade de vida da população, que se transforma quando, e aumenta quando, esses espaços são incentivados; por serem inclusivos, promovem a sociabilidade que falta em ambientes privados, hoje muito promovidos por empresas que oferecem segurança e privacidade em estabelecimentos como *shoppings centers* e condomínios fechados.

O que levaria uma cidade a sacrificar um espaço público em detrimento de uma construção privada? A cidade de Ferraz de Vasconcelos encontra-se nesta questão. Há um projeto para um empreendimento ser erguido em um lugar que foi importante para a história da cidade, que proporcionou grandes momentos de interação, abrigando festas e promovendo jornadas esportivas. A prefeitura local concedeu o espaço para a construção de um *shopping center*, o primeiro da cidade, e, embora passe por problemas burocráticos, os acordos foram efetivamente feitos e o local aguarda as obras iniciarem.

Assim, esse trabalho concentra esforços no estudo das transformações desse espaço, elaborando algumas hipóteses em conjunto com as teorias geográficas para entender como se dará esse momento da cidade.

Em um primeiro momento faremos uma breve discussão sobre a produção do espaço urbano, abordando pontos estratégicos da teoria, como o espaço como produto, a valorização, a cidade como produto da relação capital e trabalho, apenas para embasar teoricamente a pesquisa que se segue.

Logo após, faremos uma introdução à estruturação da metrópole paulista, onde observaremos Ferraz de Vasconcelos na sua formação como cidade agrícola vitivinicultora e seu desenvolvimento junto com a cidade de São Paulo conforme as décadas, passando de cidade produtora de insumos a cidade fornecedora de mão-de-obra para a capital, além de evidenciar a importância da ferrovia para sua formação como a cidade que se apresenta hoje.

Na terceira parte da pesquisa que se segue, fazemos uma discussão sobre o desenvolvimento do conceito de espaço público e sua importância ao longo da história, assim como sua relação com o espaço privado, de vital importância para entender a problemática apresentada. Passamos brevemente por Grécia, Roma e a Idade Média para diferenciar os conceitos que temos hoje do espaço e espaço público nas cidades capitalistas.

No quarto capítulo, abordamos como os novos produtos empreendedores se instalam e mudam as dinâmicas das cidades, e aí introduzimos algumas hipóteses sobre as quais Ferraz de Vasconcelos está mudando sua perspectiva a ponto de receber um centro de compras. Aí abordamos também os possíveis conflitos gerados em sua implantação.

E por fim, no quinto e último capítulo, focamos no caso específico de Ferraz de Vasconcelos e o espaço público cedido para a construção do *shopping center*. Ali esclarecemos algumas particularidades do contrato de licitação da cidade com a empresa contratada, passando pelos momentos o qual a discussão da construção atravessou até o que se encontra hoje, e finalizamos com a discussão a respeito da importância dos espaços públicos em cidades de periferia, principalmente para os jovens, assim como uma breve discussão sobre pertencimento.

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

O *espaço* tem sido estudado e tratado como objeto do estudo geográfico ao longo dos séculos por várias correntes de pensamento, e assim como na física e na filosofia, seu estudo e tentativa de entendimento tem sido de extrema importância entre as mais diversas ciências.

Dentro da geografia, passamos por diversas correntes teóricas ao longo da história, como na Geografia Tradicional, sendo debatido por Friedrich Ratzel (*espaço vital*), Paul Vidal de La Blache (*relação homem-natureza*), Hartshorne (*espaço como área*), depois pela Geografia Pragmática (*espaço como ferramenta para o planejamento*) e Geografia Crítica, com nomes como Henri Lefebvre e Milton Santos, pois esta estava surgindo na década de 70 com a tentativa de buscar fundamentar suas análises através do materialismo dialético, que começou a ganhar maior atenção, principalmente no acadêmico a partir de debates, teses e dissertações e livros.

Sendo a Geografia uma ciência que, desde os primórdios, mantém sua definição aproximada da localização dos fenômenos na superfície terrestre, ela associa a ideia de espaço à localização das coisas no mundo (CARLOS, 2011). Porém, torna-se lógico imaginar que ao associar-se um com o outro, surgiria a ideia de que um grupo humano organiza de certa forma como convém o que está sendo construído, de forma diferenciada para atender os requisitos e necessidades da comunidade, sua forma de lazer, de trabalho, suas casas, e assim, com a evolução histórica da sociedade, houve também na geografia a compreensão do conceito de organização espacial. Assim:

A organização do espaço fundamenta-se na existência de uma trama muito densa de redes diversificadas, complexas e complementares, dispostas de forma a se relacionarem com uma teia cujas malhas fortes coincidem com as do travejamento urbano. Os equipamentos de infraestrutura inserem-se no espaço, possibilitando a articulação de atividades localizadas. (DOLLFUS, 1972, p. 108 apud CARLOS, 2011, p. 63).

Para superar a discussão do espaço como organização, as teorias marxistas foram de extrema importância nessa renovação, partindo do princípio de que os

homens fazem sua própria história e de que neste processo produzem o espaço, ou seja, buscando construir uma teoria do espaço social. Assim como Marx, Henri Lefebvre foi uma referência fundamental para a teorização dessa nova perspectiva, uma vez que ele trata do espaço como um produto vinculado a reprodução das relações sociais de produção.

Uma nova perspectiva de geografia trouxe aos estudos novas teorias e novos pensadores, muitos deles fora do âmbito geográfico como o Henri Lefebvre, um filósofo. Aqui tentaremos fazer uma interpretação da corrente lefebvriana de pensamento, correlacionando-a com a problemática que será apresentada, introduzindo também autores que tanto seguiram tal corrente e outros que trabalham com a perspectiva da teoria do espaço social, algumas inclusive embasadas pelas obras de Karl Marx, com o espaço sendo produto das relações sociais que se estabelecem num certo momento histórico entre meio e sociedade, um conceito de 'produção do espaço' com viés histórico e sociocultural e, claro, econômico (produção-circulação-consumo).

Ainda sobre aspectos particulares da obra de Lefebvre, pode-se dizer que suas obras e teorias vêm a superar algumas noções postas por Marx com relação à produção, assim ele acaba por desenvolver essa noção, do ponto de vista da metodologia, evidenciando o sentido filosófico do termo, apresentando um aprofundamento teórico, chegando à ideia de reprodução e se deparando com o que viria a chamar de novas produções: o urbano, cotidiano e espaço social. Sua obra elucida uma ideia central, a de que o modo de produção pode produzir seu espaço e tempo, assim como relações sociais, e assim ele se realizaria, partindo da premissa que o modo de produção projetaria sobre o terreno essas relações, o qual se torna condição e meio para elas. Assim, a nova sociedade se apropria do espaço já existente desintegrando a organização anterior, estabelece novas produções e o modo de produção integra os resultados (CARLOS, 2011).

A princípio, podemos entender o termo 'produção do espaço' como uma superação da noção de 'organização espacial', sendo o espaço geográfico entendido como fruto das relações espaciais, ou seu produto. É fruto do trabalho, das relações humanas estabelecidas naquele momento entre sociedade e meio e seu processo de produção ocorre juntamente com a produção da existência do ser

humano, estuda-se o espaço como um elemento dinâmico. Sendo assim, em cada momento histórico do ser humano há um tipo de produção espacial diferente vinculado às práticas produtivas do período:

O ato de produção da vida é, conseqüentemente, um ato de produção do espaço, além de um modo de apropriação. O espaço surge como produto saído da história da humanidade, reproduzindo-se ao longo do tempo histórico, e, em cada momento da história, em função das estratégias e virtualidades contidas em cada sociedade. (CARLOS, 2011, p. 41)

Milton Santos já argumentaria que “produzir e produzir espaço são dois atos indissociáveis” (SANTOS, 1978, p. 203), pois através da produção modificaria uma primeira natureza, bruta, e produziria o que foi chamado de segunda natureza, fruto do seu trabalho em sociedade. O espaço reconhecido pelo homem é um resultado da produção, que rendeu o status de homem animal para homem social quando o mesmo começou a produzir, retirando da natureza elementos necessários para sua sobrevivência e reprodução de vida através de um ‘regime de cooperação’ (SANTOS, 1978, p. 202), e o espaço como produto desse trabalho acaba por envolver a participação de toda uma sociedade, através da divisão do trabalho. E é a evolução dessa divisão que viria a criar os espaços diferenciados e desiguais.

Segundo CARLOS (2001), no sistema capitalista, a produção do espaço cresce de forma territorial e social abarcando toda a sociedade, onde insere toda atividade humana e se redefine a partir do processo de valorização do capital. Assim o espaço torna-se uma mercadoria com essa lógica de valorização, e faz com que o uso desse espaço seja reinventado e redefinido pelo valor de troca. Como a mesma cita, “A produção do espaço se insere, assim, na lógica da produção capitalista que transforma todo o produto dessa produção em mercadoria” (p. 64). Nesse momento, a propriedade privada assume um lugar importante na reprodução social, pois essa produção embasada pela lógica de valorização redefine o lugar de cada indivíduo no espaço, controlando acessos a lugares de realização da vida cotidiana, limitando a prática sócio espacial pela mediação do mercado imobiliário, sendo uma forma de garantir acessos a determinados setores sociais diferenciados ao espaço produzido, vigorando assim de forma clara a lógica do valor de troca sobre a lógica do valor de uso. Afirma-se assim o espaço como condição, meio e produto da reprodução da

sociedade, sendo essa produção do espaço resultante de um ato de produção social, da vida e seria ao mesmo tempo o meio e a condição, como dito anteriormente, da realização das totalidades das atividades humanas.

Assim, a partir do momento em que a habitação torna-se uma mercadoria, a forma de viver o espaço também muda, pois com os homens tornando-se sujeitos e instrumentos do processo de reprodução espacial, seus lares acabam tornando-se mercadoria, estando à mercê de qualquer movimento, seja uma venda, uma troca ou simplesmente o desalojamento.

Lefebvre considera uma cidade um espaço modelado, ocupado por diversas atividades sociais ao longo do tempo histórico, e afirma que a cidade “é o lugar onde se produzem as obras diversas, inclusive aquilo que faz o sentido da produção: necessidades e prazeres” (LEFEBVRE, 2001, p. 85), e ainda que “é um espaço, um intermediário, uma mediação, um meio, mais vasto dos meios, o mais importante. A transformação da natureza e da terra implica outro lugar, outro ambiente: a cidade” (LEFEBVRE, 2001, p. 85-86). Assim, a cidade seria uma espécie de reflexo ou resultado das relações entre o capital e o trabalho, assim como um produto da história de domínio do homem sobre a natureza, e um meio através do qual a vida e o capital se realizam.

Sabendo que a produção espacial é também modo de produção materializado, assim como as relações sociais, o espaço urbano, que seria a produção da cidade, também sofre seu processo de materialização. Sendo a cidade firmada por relações de produção, ela é historicamente resultado de um processo de separação do trabalho agrícola e do trabalho industrial/comercial. Com o avanço do sistema capitalista, o ramo industrial avança cada vez mais sobre o campo tornando difícil separá-los, visto que as técnicas implantadas nas indústrias são hoje facilmente dirigidas às culturas de plantação para o agronegócio, assim ela possui certa hegemonia, onde transforma a agricultura em um ramo industrial. Assim, a indústria transporta à cidade também um papel de hegemonia, o qual a faz comandar esse processo de produção, visto que, agora, tudo está ligado a ela. A partir disso, temos claro o avanço do poder da cidade, comandando a produção de sua área e exercendo influência sobre outras, relacionando-se com outros espaços urbanos e construindo em relações espaciais a produção do espaço, ocorrendo

assim uma espacialização do processo de produção do capital, que encontra na cidade seu centro de acumulação, portanto, é lá que ocorre a produção dos espaços produtivos permitindo a acumulação pela materialização das atividades econômicas. Assim, a cidade não é apenas uma condição para a reprodução do capital, ela torna-se produto do processo de produção do capital:

A cidade atual apenas assume a forma espacial das relações de produção que ocorrem nesse modo de produção específico... Não é a cidade em si o fator de criação e desenvolvimento de uma região atual, mas o processo de acumulação capitalista, e a cidade como “sede” da acumulação assume formalmente o papel dinâmico de comando do espaço. (CARLOS, 1979, p. 46).

A partir desse viés teórico, podemos introduzir o que será o objeto deste pequeno estudo de caso.

Em São Paulo, temos um exemplo de cidade que foi palco de grandes momentos ao longo da história, no que se pode dizer principalmente de políticos, econômicos e sociais, sendo um espaço produzido onde ocorrem todas as relações sociais e econômicas, e, pela sua grandeza, influenciou também o crescimento e a transformação das cidades em seu entorno, em algumas mais outras menos. O uso do solo dessa grande metrópole é fruto de grandes conflitos de interesse entre os indivíduos, corporações e o Estado, pois o espaço tido como uma mercadoria nas relações capitalistas de produção obtém seu valor através desse uso e no lucro o qual pode gerar, tendência também que foi seguida por algumas cidades circundantes a São Paulo, exatamente pela sua rápida expansão.

Ferraz de Vasconcelos, que será nosso recorte empírico de análise, está inserida nesse contexto. A cidade que iniciou sua história sendo apenas parte de uma região que auxiliava a abastecer a cidade de São Paulo, através da ligação das ferrovias, e depois servindo de cidade base para uma grande quantidade de trabalhadores, ou seja, uma cidade dormitório, teve seus momentos durante sua transformação atrelados às mudanças vividas por São Paulo e outras cidades do Brasil, abarcadas também pelos fenômenos da modernidade (mesmo que de forma mais tardia).

Recentemente uma grande área livre e pública, uma praça na Vila Romanópolis, foi alvo de negociações entre a prefeitura da cidade e um grupo de empresários com o fim de construir um *shopping* que pode ser considerado um dos bairros de classe média alta da cidade. Ou seja, houve uma negociação de se transformar um espaço público gratuito tanto de circulação quanto comportamento, podendo ser utilizado por qualquer pessoa sem maiores problemas, para outro tipo de ambiente, normalmente carregado de certo elitismo, além de normas a serem seguidas por quem o frequenta, visto que o público passa a ser, de certa forma, selecionado.

A necessidade de acompanhar um suposto fluxo de pessoas que procuram cidades menores não tão afastadas do centro para aumentar sua qualidade de vida, podendo assim ter afetado diretamente a cidade de Ferraz de Vasconcelos, seria uma justificativa considerável para a abertura de um *shopping center*, o símbolo da modernidade de uma cidade capitalista? O investimento em infraestrutura e lazer tem sido frequente para tornar a cidade de certa forma atrativa para quem passa por ali, isso pode vir a afetar de forma direta os cidadãos já residentes da cidade? Como se deu a transição da cidade ao longo da história para ter a necessidade de investimentos desse viés? Poderiam todos utilizar da mesma forma esse novo espaço? O público alvo seria o que sempre utilizou o lugar como encontro, lazer, esporte? O que muda nessa relação? A quem interessa esse tipo de mudança? E por fim, por que o *shopping center*, hoje, ocupa a posição central de um debate sobre a modernidade? Por que o espaço público acaba por tornar-se obsoleto nas grandes cidades? Para responder a estas perguntas, procuramos desenvolver nosso trabalho de pesquisa. Num primeiro momento, procuramos recuperar, historicamente, as articulações entre a produção da cidade de Ferraz de Vasconcelos e a metropolização de São Paulo, com o intuito de apreender os conteúdos sociais que produziram este lugar e suas especificidades, ao mesmo tempo como parte de um processo mais amplo de reprodução da sociedade.

UM ARRANJO HISTÓRICO: ALTO TIETÊ E FERRAZ DE VASCONCELOS

Sendo umas das 39 cidades que compõe a Região Metropolitana de São Paulo, Ferraz de Vasconcelos está situada no que chamamos de Sub-Região Leste, conhecida também como Alto Tietê. Com uma área aproximada de 30 km², uma das menores da região, tem seus limites compartilhados com a cidade de São Paulo, Mauá, Poá e Suzano.

Sua origem, assim como outras centenas de cidades brasileiras, conta com aldeamentos indígenas, o caminho das tropas e os bandeirantes. Tendo o grande privilégio de se encontrar nos arredores do Rio Tietê (próximo de sua nascente, que se encontra em Salesópolis), Ferraz de Vasconcelos pertenceu ao rito de passagem tanto pelo rio quanto pelas estradas, que serviu de caminho para o trajeto dos imperadores no século XIX.

Segundo nos passa a obra de LANGENBUCH (1971), com a formação dos aldeamentos, depois os aglomerados nos arredores paulistas, formando posteriormente as freguesias, vilas e cidade, Ferraz (que demorou a emancipar-se) encontrava-se no limbo, sendo parte da região pouco desenvolvida ou decadente, assim como as outras vilas que compunham o que viria a ser o Alto Tietê, e isso se dava, a princípio, por conta do ofuscamento sofrido pelo desenvolvimento da capital paulista, deixando assim essa região (não somente essa, mas os arredores da cidade como um todo) tida como 'povoados caipiras' (ou cinturão caipira), inclusive com crescimento demográfico medíocre no início desse desponte da capital.

Com a implantação das ferrovias que interligavam o centro às cidades de certa importância agrícola, a rota entre São Paulo e Mogi das Cruzes havia sido traçada com projeto de implantação de estações, porém Ferraz ainda não seria contemplada com tal modernidade.

A implantação das políticas dos núcleos coloniais pelo Ministério da Agricultura, que tinha como projeto fazer o povoamento e sistema agrícola de São Paulo desenvolver (precisamente em São Bernardo, São Caetano, Santana e Glória, correspondente hoje aos bairros de Cambuci e proximidades), acabou por não apresentar evidentes frutos visto que o processo de ocupação espacial no crescimento de São Paulo se deu de forma diferenciada, embora alguns traços de

antigos colonos possam ser observados em alguns núcleos restantes. E mesmo essa não tão aparente influência, a implantação dos núcleos foi importante para a organização dos arredores paulistanos quando seu desenvolvimento ainda era inicial.

Com alguns núcleos (mais próximos da capital) adotando outras práticas e atividades voltadas ao abastecimento urbano tanto agrícolas como de serviço, esses acabaram se tornando facilmente cidades pendulares, ou seja, que permitiam a migração pendular dos trabalhadores, servindo praticamente como um dormitório, algo que Ferraz de Vasconcelos viria a tornar-se logo menos com a implantação da estação de trem.

O censo feito no ano de 1887 nos núcleos nos mostra que a grande maioria dos que habitavam eram do ramo agricultor, sejam eles de qualquer atividade rural, e italianos.

I. A POPULAÇÃO DOS NÚCLEOS COLONIAIS EM 1887	NÚCLEOS COLONIAIS						TOTAL	
	São Bernardo		São Caetano		Santana			
Italianos.....	601	68%	157	63%	94	69%	852	67%
Outros Estrangeiros.....	29	3%	-	0%	3	2%	32	3%
Brasileiros.....	250	28%	94	37%	39	29%	383	30%
POPULAÇÃO TOTAL.....	880	100%	251	100	136	100%	1267	100%
Agricultores.....	435	73%	137	97%	60	67%	632	77%
Comerciantes.....	25	4%	1	1%	1	1%	27	3%
"Artistas" e Operários.....	51	9%	3	3%	3	3%	57	7%
"Industriais".....	12	2%	-	-	18	20%	30	4%
Outras Profissões.....	71	12%	-	-	7	8%	78	9%
POPULAÇÃO ATIVA.....	594	100%	141	100%	89	100%	824	100%

Tabela 1: Pesquisa censitária do ano de 1887 nos núcleos coloniais paulistas. Fonte: LUNGENBUCH, Juergen Richard. A estruturação da grande São Paulo – estudo de geografia urbana. Instituto Brasileiro de Geografia. Departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica. Rio de Janeiro, 1971.

Na tabela podemos observar com clareza a influência da imigração italiana em São Paulo no período, para trabalho especificamente na agricultura, e assim podemos compreender, por exemplo, do porquê Ferraz de Vasconcelos viria a se

tornar uma das maiores cidades produtoras de uva do Brasil e fazer dela sua vitrine de atração, mesmo que a mesma não possuísse núcleo colonial em sua formação original.

O que sabemos, é que a partir da produção de vinho, Ferraz de Vasconcelos se integrou de forma mais plena à São Paulo, pois com suas terras baratas, bom solo e clima (além de uma proximidade considerável do centro de São Paulo), a atração foi inevitável, principalmente pelos imigrantes italianos que tinham o conhecimento do plantio da uva, e assim, no final do século XIX, as primeiras famílias começavam a chegar interessadas na vitivinicultura.

A certeza que temos sobre a estruturação de São Paulo como uma metrópole é que a implantação das estações de trem ao longo das ferrovias foi de grande significado para o desenvolvimento da mesma, pois, principalmente, o que era chamado de 'cinturão caipira' a partir delas ligava-se fortemente com a capital, compartilhando não só seus produtos agrícolas, mas também sua força de trabalho, sendo elas um fator fundamental de uma nova organização espacial que se instaurava em São Paulo.

A Estrada de Ferro Central do Brasil, por ligar o interior de São Paulo ao centro, foi parte fundamental do desenvolvimento da capital, assim como no desenvolvimento das cidades próximas a ela, e dentre elas está Ferraz. A necessidade de levar tanto produtos agrícolas quanto de construção obrigou a cidade a não somente expandir sua malha ferroviária, mas também a implantar estações. Assim, a medida da instalação definitiva das linhas férreas, as estações começaram a se planejar ao longo das ferrovias, para facilitar principalmente o transporte de produtos e pessoas. Nota-se nesse período o começo da formação do que se chama, segundo Langenbuch, de 'povoados-estação', a priori, promovidos por pequenos comércios que depois deram origem aos municípios de subúrbio que temos hoje.

Além do comércio que proporciona, de fato, formar-se um conglomerado ao redor das estações, nota-se também a presença de pequenos aglomerados industriais, onde aparentemente a matéria-prima poderia ser levada até as indústrias para serem trabalhadas e transformadas em produtos mais leves para transporte. Ferraz de Vasconcelos nesse ambiente entra com uma exceção: um caso de

povoamento anterior à implantação de uma estação de trem, onde a imobiliária responsável pelo loteamento (que havia uma promessa de ali realmente ter uma parada, algo que não veio) se viu obrigada a iniciar, em 1924, o processo de construção, já que encontrava certa dificuldade na venda de lotes, pois apesar de ainda contar com a produção de uvas e ser muito conhecida por isso, a cobrança dos moradores na época aumentou, assim como a visão do aumento de pessoas procurando por moradias próximas de São Paulo, o que, supunha, ajudaria a impulsionar a venda de terrenos na cidade.

Assim, encontramos neste período o primeiro momento de formação do que vem a se constituir como a cidade de Ferraz de Vasconcelos atual.

Se inicialmente Ferraz de Vasconcelos apresentava-se como parte do cinturão caipira, a instalação a ferrovia possibilitou a implantação dos conglomerados industriais às margens da linha férrea, a Central do Brasil, como a H. Louis Baxmann Produtos Metalúrgicos e a fábrica de lixas Gothard Kaesemodel, além da Induseda (fábrica de seda artificial), que foram determinantes para o crescimento e desenvolvimento econômico da cidade.

Mas a ferrovia não determinou a eliminação da produção rural de imediato. Segundo Langenbuch (1971, pag. 113) o cinturão ao redor da capital teve uma evolução na parte rural que muito serviu de abastecimento a cidade de São Paulo no que tange a gêneros alimentícios, combustíveis, material de construção, água (hidrelétrica), lenha, extrativismo mineral, entre outros. Exemplo disso tem-se em Ferraz de Vasconcelos, a instalação de uma olaria para o fornecimento de tijolos para a ferrovia que cortava a cidade assim como os fornecia para a construção também da capital.

A região do Alto Tietê serviu de grande suporte para o desenvolvimento da capital paulista, porém não apenas isso. Essa região também acabou por atrair inúmeros migrantes vindos tanto de fora do país quanto de outros estados, principalmente do nordeste (como no caso de Ferraz de Vasconcelos) e vindos atraídos por ofertas de trabalho na capital povoaram as regiões circundantes, que também abrigavam as principais linhas férreas. Com isso, na primeira metade do século XX, a procura e implantação de lotes residenciais cresceram de forma rápida e constante, fazendo com que muitas dessas cidades se tornassem 'cidades

dormitório' ocorrendo o que se chama de migração pendular, ou seja, com o decorrer das décadas, o desenvolvimento acelerado e a terceirização de serviços, a demanda de pessoas para trabalhar na capital aumentou consideravelmente, fazendo com que o número de residências nas cidades próximas também crescesse, e como a economia dessas de forma alguma se compara a São Paulo a ponto de estabelecer um centro comercial forte, a migração de trabalhadores sentido periferia-centro através das ferrovias acompanhou o crescimento. Pode-se dizer que isso ocorreu com a grande maioria das cidades do Alto Tietê.

Pelo caminho da ferrovia, como dito, houve um surto industrial forte na cidade, onde a Fábrica de Lixa foi uma das pioneiras por ali, empregando no início de seus negócios até 500 empregados, e foi a partir dela que o Complexo Poliesportivo, inclusive, levou seu nome mais conhecido: Gotthard Kaesemodel, nome da família alemã dona da fábrica.

Apesar da instalação de algumas indústrias, Ferraz tornou-se atrativa como local de moradia para a população de menor renda.

Aqui foi desenvolvido um gráfico comparando a taxa de crescimento das cidades de São Paulo e Ferraz de Vasconcelos entre a década de 50 e o ano de 2010, os dados foram baseados nos índices de população através dos censos a fim de mostrar esse aumento demográfico em ambos os municípios:

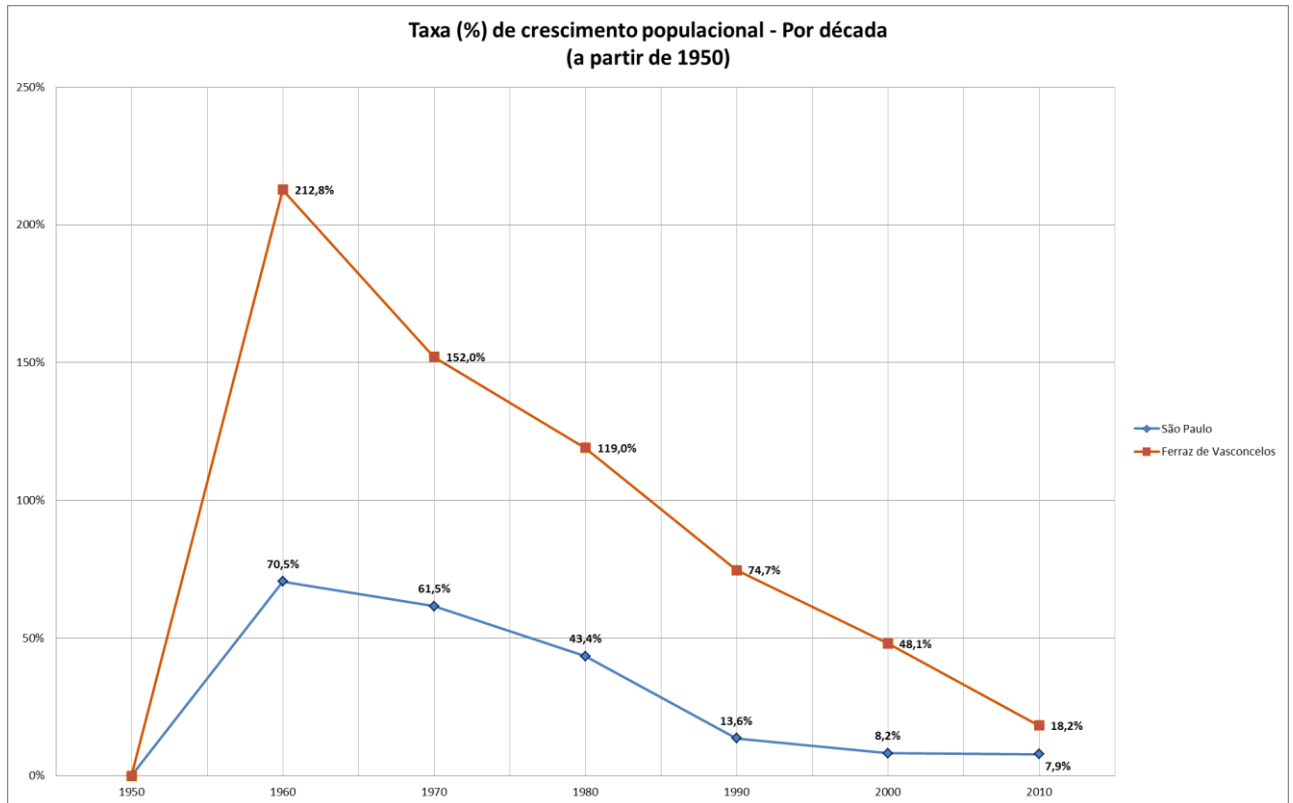


Gráfico 1: Taxa de crescimento populacional das cidades de São Paulo e Ferraz de Vasconcelos de 1950 - 2010. Desenvolvido por: Aline Silva Barros. Fonte: IBGE

A partir do gráfico podemos notar que o crescimento populacional sofrido pela cidade de São Paulo é diretamente proporcional ao que sofreu Ferraz de Vasconcelos no mesmo período, o município tornou-se atraente para investimentos por seus terrenos férteis e baratos, além da boa localização geográfica, pois à medida que o centro de São Paulo expandiu-se e urbanizou-se para as extremidades tanto norte e sul, quando oeste e leste, Ferraz por estar situada na divisa com a zona leste foi uma das cidades mais beneficiadas com a constante compra de terrenos, sobretudo após a implantação da estação de trem.

Esse crescimento tornou necessária a migração de pessoas para trabalhar em cidades maiores como São Paulo. Assim, Ferraz de Vasconcelos, no que remete ao período de mudança do cultivo agrícola para as indústrias, não conta com uma população em que sua maioria reside e trabalha em seus limites, o cidadão tornou-se desassociado de sua moradia, gastando muito tempo do deslocamento de sua residência ao seu local de trabalho, no caso na capital paulista. Há assim, um período ao longo do século XX em que a importância rural Ferraz foi sendo

substituída pela sua importância como local de reprodução da força de trabalho da metrópole de São Paulo.

Já o crescimento de São Paulo e arredores causou efeitos na população que lá chegava e se instalava, fazendo com que, entre as décadas de 40 e 80 do século passado, a divisão centro-periferia ficasse cada vez mais evidente, onde os cortiços com ruas apertadas e casebres contrastavam fortemente com os bairros de casas espaçosas. A respeito disso, Teresa Pires do Rio Caldeira diz:

No começo do século, São Paulo era uma cidade extremamente concentrada e os diferentes grupos sociais viviam próximos uns dos outros, embora em arranjos residenciais radicalmente distintos: os ricos em casas espaçosas, os pobres amontoados nos cortiços. Da década de 40 à de 80, a divisão entre centro e periferia organizou o espaço da cidade. Durante a vigência desse padrão, grandes distâncias separavam diferentes grupos sociais: as classes média e alta ocupavam os bairros centrais e bem-equipados em termos de infraestrutura urbana, enquanto os pobres habitavam a precária periferia. (CALDEIRA, 1997, pag. 156)

Segundo Caldeira, com o rápido processo de desenvolvimento industrial sofrido por São Paulo em meados da década de 40, a classe trabalhadora teve condições de construir suas próprias residências através da compra de lotes baratos em zonas tanto do centro quanto de cidades próximas à capital, ajudando no movimento de expansão da cidade. Porém as mudanças nas décadas de 80 e 90 representaram um novo padrão na distribuição de grupos e atividades econômicas na cidade, a partir de alguns processos, como a crise econômica da década de 80, conhecida como a 'década perdida' que compreendeu o fim do período ditatorial e reinício da democratização no país e com a recessão econômica, o desemprego e a inflação a níveis estratosféricos, aumentando assim o número de pobres deixando bem delineada a desigualdade social e diferença entre ricos e pobres. Assim, a nova geração de trabalhadores da cidade não teve as mesmas condições de posse e consumo que aquela de meados do século, como consequência, a camada mais pobre se viu obrigada a mudar para favelas ou os inúmeros cortiços que até hoje fazem parte da paisagem urbana do centro da cidade São Paulo, pois até mesmo a oferta de lotes baratos seja no centro ou em regiões mais distantes foi diminuindo. (CALDEIRA, 1997, pag. 157) O momento também marcou a ascensão inevitável da criminalidade, fato que se mostra presente em grandes metrópoles também ao redor

do mundo. Com isso, o medo do crime instaurado reforçou um discurso de proteção, onde grupos sociais conservadores, na época baseados nas altas taxas de crimes, reagem mal à abertura política e democrática do país, justificando suas políticas segregacionistas, as quais trataremos mais a frente, a partir do discurso sobre o crescimento da violência.

No que se refere ao atual momento econômico de Ferraz de Vasconcelos, que detalharemos mais a frente, apresentamos, primeiramente, uma tabela expondo dados, baseados na Fundação SEADE, de população e população economicamente ativa (PEA), e logo adiante um gráfico que nos mostra a relação entre os empregos formais no município, ambos entre as décadas de 2000 e 2010, baseados no censo, e em seguida a tabela com os dados da população economicamente ativa para os mesmos anos do período.

Ano	População	PEA	Taxa da PEA em relação à População Total
2000	142.377	63.454	44,57%
2010	168.306	82.982	49,30%

Tabela 2: Taxa da população Economicamente Ativa de Ferraz de Vasconcelos nos anos de 2000 e 2010. Desenvolvido por Aline Silva Barros. Fonte: Fundação SEADE.

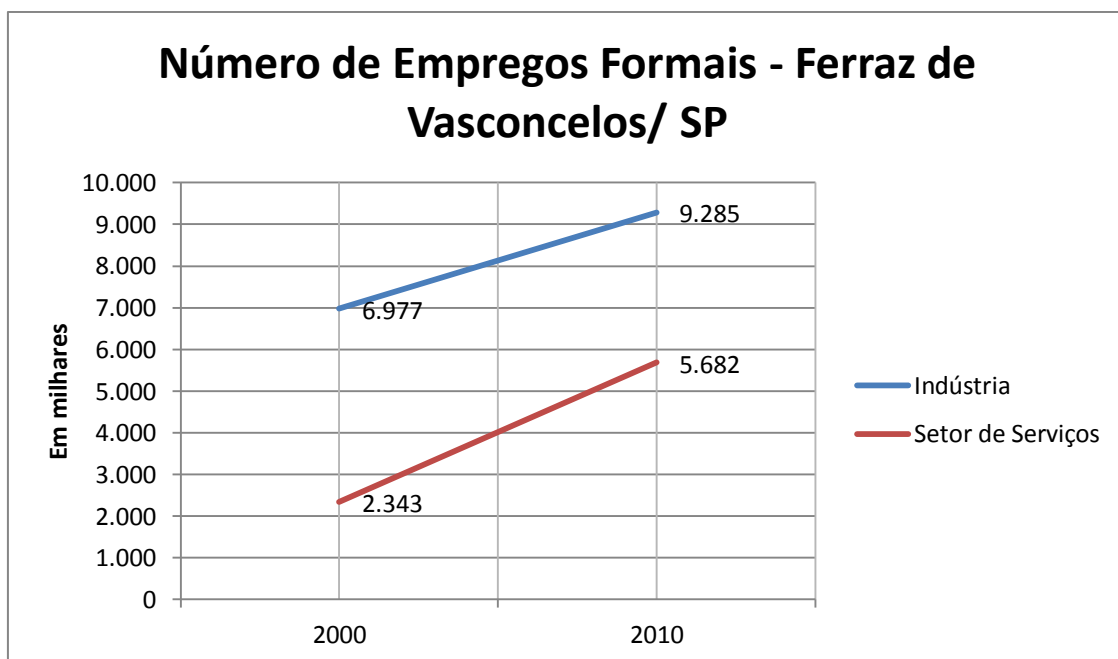


Gráfico 2: Número de Empregos Formais em Ferraz de Vasconcelos nos anos de 2000 e 2010. Desenvolvido por Aline Silva Barros. Fonte: Fundação SEADE.

Notamos aqui que apesar de hoje contar com poucas fábricas, a influência destas nos números de empregos no município é relevante, sendo ainda um bom setor para geração de empregos formais. No entanto, quando observamos a população economicamente ativa da cidade vemos que essa participação não é tão significativa no que se refere à população maior de 16 anos ocupada, o que corrobora Ferraz de Vasconcelos como o que chamamos de cidade dormitório, tendo o resto da população que não se enquadra nos setores de indústria e serviço da cidade espalhados tanto pela capital paulista, quanto por outras cidades da região do Alto Tietê.

Percebemos assim, que apesar do setor industrial proporcionar grande parte das oportunidades de trabalho na cidade, o que é um diferencial para Ferraz de Vasconcelos, no caso, ter ainda um setor industrial forte, vemos que o setor de serviço cresce numa proporção constante, diferente do segundo setor que conta com avanços e quedas. A partir disso, podemos compreender o interesse do setor público em aumentar a arrecadação com o incentivo de investimento ao terceiro setor. Ferraz conta com um pequeno comércio no bairro central, responsável por parte das divisas do município em arrecadação, e a justificativa do poder público para a implantação de um *shopping center* em uma área pública pode vir a ter a intenção não somente de aumentar o número de empregos, mas também a arrecadação de impostos do município.

Muitas cidades da região são conhecidas popularmente por sua quantidade de praças públicas de acesso total do morador a esses espaços. Porém, uma nova onda de privatizações ou simplesmente a negação do acesso do morador a esses espaços tem acontecido com frequência. Em Ferraz de Vasconcelos nunca houve políticas públicas que considerassem de suma importância ter na cidade locais de encontro e lazer, estritamente por ser uma cidade dormitório onde os prazeres também poderiam ser terceirizados. Um dos poucos espaços que havia para essa finalidade, no caso o Complexo Esportivo Gothard Kaesemodel Júnior (conhecido popularmente como Birutão, em referência ao ex-prefeito da cidade José Carlos Fernandes Chacon, o Zé Biruta, idealizador da construção do mesmo); a princípio era um grande atrativo não só para os munícipes que na cidade residiam, mas para estrangeiros de todos os lugares que ali visitavam para constatar a excelência da produção agrícola referente às variedades de uva que na cidade eram produzidas,

pois mesmo com a instalação das fábricas na cidade a produção de uva veio a diminuir somente na década de 80. E assim, o complexo tornou-se parte fundamental da história e crescimento do município sediando a conhecida Festa da Uva que já estava na cidade desde a década de 60, onde continuou sendo realizada até sua demolição, mesmo o município já não produzindo a uva.



Fotografia 1 - Oitava Festa da Uva Fina em Ferraz de Vasconcelos em 1970. Fonte: Robson Shimizu.

O complexo não apenas abrigava a tradicional Festa da Uva Fina, ainda elevando o nome da cidade de forma histórica como uma das grandes produtoras de uva e vinho em um passado não tão distante, há algumas décadas, como também promovia a sociabilidade entre os munícipes através de eventos esportivos no estádio da cidade que se localizava em seu interior. Pouco antes de sua demolição, algumas quadras esportivas para treinos de diversas modalidades haviam sido construídas, o que também não foi levado em conta na decisão repentina de venda do terreno para construção do *shopping center*.

O ESPAÇO PÚBLICO NAS CIDADES

A história

Nesse capítulo nos propomos a entender um pouco sobre o conceito de espaço público e sua relação com o privado na vida do cidadão. A importância de entender essa ideia é essencial para essa pesquisa, pois os movimentos que cercam esse momento da vida pública em Ferraz de Vasconcelos encontram-se intimamente conectados com o entendimento do privado, da individualidade e principalmente da relação do espaço público com o cidadão nos dias atuais e sua importância para a cidade, assim suas transformações.

A filósofa Hannah Arendt diz coisas importantes sobre as esferas do público e privado, assim como a vida privada onde refletiu sobre a sociedade grega. Assim, sobre a vida privada, ela explana:

“(...) viver uma vida inteiramente privada significava, acima de tudo, ser destituído de coisas essenciais à vida verdadeiramente humana: ser privado da realidade que advém do fato de ser visto e ouvido por outros, privado de uma relação “objetiva” com eles decorrente do fato de ligar-se e separar-se deles mediante um mundo de coisas, e privado da possibilidade de realizar algo mais permanente que a própria vida.” (ARENDR, 2009, p. 68).

Segundo interpretamos, aqui ela diz que viver uma vida em seu ambiente privado é como tirar o cidadão da essência da vida humana, ou seja, do coletivo, das relações humanas de fato. Ainda diz que a consequência dessa privação é tornar a humanidade amplamente individualista e ao mesmo tempo massificada, homogênea, onde quem não se encaixa na vida do acúmulo e propriedade privada, é excluído e encontra-se sem seu lugar no mundo:

“Nas circunstâncias modernas, essa privação de relações “objetivas” com os outros e de uma realidade garantida por intermédio destes últimos tornou-se o fenômeno de massa da solidão, no qual assumiu sua forma mais extrema e mais anti-humana”. (2009: 68)

Fica claro em seus escritos, e vale a pena reiterar, que a vida pública só era possível para aquela sociedade enquanto houvesse também uma vida privada, pois a vida privada do lar era a que garantia a humanidade para o homem, assinalando

assim a diferença do homem livre para o escravo, e para ela recusar participar de uma vida política, como aconteceu com o avanço da importância de ampliar a propriedade privada sobrepondo-se a uma vida com interesses coletivos, significaria o sacrifício da liberdade do indivíduo.

De forma diferente da Grécia, os romanos, em tempos de império, entendiam que tanto a esfera privada como a esfera pública deveriam coexistir e por isso a aceitação de um Império a governar os indivíduos, e diferente ainda dos gregos, não sacrificariam a vida privada pela pública, pois elevavam o status de importância do espaço público ao lar:

“O pleno desenvolvimento da vida no lar e na família como espaço interior e privado deve-se ao extraordinário senso político do povo romano que, ao contrário dos gregos, jamais sacrificou o privado em benefício do público mas, ao contrário, compreendeu que estas duas esferas somente podiam subsistir sob a forma de coexistência.”
(2009: 68)

Tuan (1980:206) viria também a destacar esse ponto:

“Os gregos se regozijavam com a vida pública. Eles tendiam a denegrir a vida privada por estar ligada aos monótonos, irrelevantes ciclos da natureza orgânica. As atividades pertinentes à esfera privada da família eram naturalmente reconhecidas como essenciais para a sobrevivência e bem estar, mas os gregos, entretanto, preferiam relegá-las àqueles que, na sua concepção, não alcançavam a plena dignidade humana: crianças, mulheres e escravos.”

Roma pode ser tida como a precursora da ideia de propriedade privada, onde devido à queda do Império, os cidadãos queriam afirmar seu direito privado, seu direito de propriedade, sobre o espaço público, principalmente para se defenderem dos ataques dos povos bárbaros.

O historiador Carcopino (1990) em sua obra descreve os espaços públicos de Roma na época:

“Aqui barbeiros fazem a barba de seus fregueses no meio da rua. Lá os mascates de Transtiberina passavam trocando seus pacotes de fósforos de enxofre por berloques de vidro. Acolá, o dono de uma casa de pasto, rouco de chamar os ouvidos surdos, exibia suas

salsichas, na panela. Professores e seus alunos ficavam roucos de tanto gritar entre eles. Em um lado, um trocador de dinheiro tilintava suas moedas... em uma mesa suja, em outro um moedor de ouro em pó o malhava com seu brilhante macete, na sua pedra desgastada. Nas esquinas se formavam círculos de ociosos boquiabertos, ao redor de um encantador de serpentes; por toda parte ressoavam os martelos dos remendões e as vozes trêmulas dos mendigos invocavam o nome de Bellona ou repetiam suas desventuras e desgraças para comover o coração dos transeuntes.”

Na Idade Média, o que tivemos foi praticamente uma absolvição da esfera pública em detrimento do privado, mesmo porque a religião tomara na época proporções equivalente ao que a esfera pública intitulava-se na antiguidade, segundo Arendt (2009: 44): “(...) a esfera secular sob o feudalismo era, de fato, em sua inteireza, aquilo que a esfera pública havia sido na antiguidade. Sua principal característica foi a absolvição de todas as atividades para a esfera do lar (onde a importância dessas atividades era apenas privada) e, conseqüentemente, a própria existência de uma esfera pública.” Porém, a vida pública nas ruas, afora do conceito de esfera pública a qual vínhamos discutindo, das cidades medievais era muito parecida com a de Roma, afim do controle, antes imperial e agora aristocrático/feudal/religioso, os comércios e relações sociais ainda aconteciam nas ruas, praças e pátios abertos, ainda que com aspecto limitado devido à diminuição vida urbana, sendo ligados à funções específicas de religiosidade e comércio.

Pensando sobre a questão já na sociedade capitalista, SERPA (2007) traz alguns pensamentos de outro estudioso que, como Hannah Arendt, contribuiu com questões a respeito do espaço público, o filósofo Jürgen Habermas, assinalando que, segundo ele, seria nas tensões entre Estado e sociedade, como foi dito anteriormente, onde se fundamentaria a esfera pública burguesa, calcada no setor privado, sendo ela representada pela separação total entre público e privado, e o surgimento de uma nova esfera, a social, tornando necessárias novas formas de governabilidade e administração, já que o sistema feudal se encontrava em plena decadência. O mesmo diz que com o desenvolvimento do sistema capitalista e o avanço do liberalismo, o resquício de relação original que se tinha entre público e privado se esvai, e para Habermas duas características importantes acabam por marcar, nesse processo, a decadência da esfera pública (2007: 17):

‘(...) ela penetra setores cada vez mais extensos da sociedade e, ao mesmo tempo, vai perdendo sua função política, no sentido de submeter os fatos tornados públicos ao controle de um público crítico. A partir do momento em que as leis do mercado, que dominam a esfera dos negócios e do trabalho, penetram também na vida privada dos indivíduos, “reunidos” artificialmente em um “espaço público”. A capacidade de julgamento – a razão – tende a transformar-se em consumo. A comunicação – pública – perde em coerência e dissolve-se em estereótipos para o consumo individual.’

O Espaço Público na cidade contemporânea

Muitos teóricos acreditam que o espaço público estaria morto na atual situação das cidades, porém aqui enxergaremos esse momento como uma metamorfose. Carregando as características e heranças da modernidade, ruas abertas e encontros informais em locais abertos, inserido também no ciclo capitalista da produção e consumo, os atuais espaços públicos criados nas grandes cidades começam a seguir uma lógica distinta de seu passado, daí sua transformação e não sua morte, com uma política de segregação e desigualdade entre classes que frequentavam o mesmo ambiente, o espaço passa a ser disputado, valorizado segundo seu uso, inserido e vendido segundo uma teoria do medo e da violência. (CALDEIRA, 2000)

Por serem espaços abertos e de incumbência do Estado, então teoricamente voltados ao uso público e não privado, os espaços públicos são analisados como propagadores das relações sociais.

Pela ótica da produção do espaço, CARLOS (2001) discute haver três níveis de análise do espaço, podendo perfeitamente ser trazidos para a discussão do uso e produção do espaço público, sendo eles: a dominação política, a acumulação do capital e a realização da vida humana.

A acumulação de capital diz respeito à introdução de empreendimentos imobiliários que aumenta a circulação e reprodução de capital, e através disso, atrai um tipo de público específico em grande parte das vezes, causando também a fragmentação do espaço nesse processo de mercantilização, além de, com o advento moderno, tornar obsoletas as antigas formas.

Em nossas atuais cidades observamos a intensificação do processo de valorização a todo o momento, pois os novos espaços criados para atender algumas classes sociais específicas alteram o valor do solo por seu uso, exemplos claros disso vão desde as iniciativas de revitalização de centros degradados, como ocorre na cidade de São Paulo, aos parques temáticos, *shoppings centers* e loteamentos fechados, que dão a sensação a quem frequenta esse tipo de espaço uma sociabilidade de certa forma mais segura e 'limpa'.

Já a realização da vida, como afirma a autora, guarda a dimensão do humano, e estaria inserida no espaço público como a possibilidade do lazer, do encontro e das práticas cotidianas. Uma nova relação espaço-tempo é definida a partir do momento em que o lugar e as práticas se modificam, tornando o espaço "amnésico em sua relação direta com o tempo efêmero" (2001: 19). Reforçando a ideia do último nível, Carlos viria a dizer:

"As relações com o lugar são determinadas no cotidiano para além do convencional. O espaço é o lugar do encontro e o produto do próprio encontro (...)." (2011: 73)

O tempo liberado que é o tempo do não-trabalho pertencente somente ao indivíduo, segundo Marx, seria o momento de desenvolvimento humano, e, hoje, cada vez mais este tempo é tomado pelas obrigações sociais e pelo consumo de objetos, de serviços, de lugares. A liberdade de escolha do indivíduo se deturpa, o homem de certa forma vira objeto do sistema, alienando-se de suas escolhas, pois é uma tendência a mercantilização desse tempo livre.

No que se diz sobre dominação política, a autora se refere às relações de poder estabelecidas em um determinado espaço, definidas pelo poder do município ou pelos interesses das elites, que, como dito, acabam interferindo em outras esferas. Servindo aos interesses do Estado e da classe dominante, um espaço, por exemplo, antes tido para um determinado uso comum pode vir a ser substituído de acordo com interesses maiores, para um uso que obedeça aos critérios impostos pelas elites municipais, seria um poder para o controle do espaço.

O poder sobre o espaço significa o controle e a dominação do mesmo, assim como o poder sobre quem o utiliza, o que facilita o controle sobre a sociedade. Segundo Carlos:

“A ação do Estado – por intermédio do poder local – ao intervir no processo de produção da cidade reforça a hierarquia de lugares, criando novas centralidades e expulsando para a periferia os antigos habitantes, criando um espaço de dominação. Com isso, impõe sua presença em todos os lugares, agora sob controle ou vigilância (seja direta ou indireta).” (2001: 15)

Um espaço destinado ao lazer comum pode vir a sofrer esse tipo de transformação de acordo com essa perspectiva, e nos parece que este é o sentido do processo que vem ocorrendo em Ferraz de Vasconcelos.

O Estado tem o poder e a força (jurídica e policial) para atender os interesses dos líderes e ou das classes dominantes locais, e podem por ir vir a sobrepor os interesses privados sobre os espaços públicos. Lefebvre (1976, p. 42) já viria a dizer que essa classe disponibiliza de um poder duplo sobre o espaço, ou seja, da ação do Estado defendendo seus interesses individuais, o que pode ser exemplificado pelas revitalizações, espaços vigiados, murados promovendo a segregação entre classes e a propriedade privada do solo, onde a lógica do sistema capitalista e patrimonialista deixa claro que quem dispõe de mais capital será o detentor das propriedades. A partir de normas de uso e ocupação do solo, da cobrança de impostos, e implantação de infraestrutura, o Estado exerce seu controle sobre a sociedade, fazendo seu exercício de poder. Em cidades pequenas e médias, a dominação política exercida pelo poder municipal é bem mais clara que em grandes metrópoles, pois nem sempre obras de melhorias de condições assim como planos diretores voltados às estruturas de desfrute à população são levadas em conta. Na grande maioria das vezes as construções são usadas como uma troca pelo voto, servem a marketing político, nem sempre levando em conta a população como um todo, conflitando interesses público-privado. (SOBARZO, 2006: 97 – 98)

Há uma tendência na construção de espaços, como já citado anteriormente, voltados para um grupo específico de indivíduos, onde apesar de o espaço ser intitulado público, ele acaba não obedecendo a esse precedente, pois torna-se

fragmentado e segregado (rompendo não apenas o espaço físico, mas também as relações sociais que ali existiam ou poderiam vir a existir).

E, apesar de ainda poder conter estruturas e equipamentos coletivos que dão suporte à vida comum do cidadão, pode vir a atender uma lógica de produção e circulação do capital voltado à iniciativa privada, como por exemplo, os inúmeros loteamentos murados que tem se implantado na Região Metropolitana de São Paulo. Os espaços próprios para as elites são construídos com o aval e ajuda do poder público, o que acaba por evidenciar novamente a falta de distinção e o conflito entre a esfera pública e a esfera privada. Assim, a lógica dos novos espaços acaba privilegiando a acessibilidade privada ao local (parte das vezes de difícil acesso e outras centrais, porém com acesso restrito) e a hipervalorização da segurança. Segundo SERPA (2007: 36), esses lugares recebem o nome de *edgocities*: “(...) que se originam em função de um entroncamento viário, ancoradas por um *shopping center* regional, ao qual acrescentam-se bancos, postos de gasolina e centros de serviços especializados” e ainda “ O espaço público transforma-se, portanto, em uma justaposição de espaços privatizados; ele não é partilhado, mas, sobretudo, dividido entre os grupos que habitam o local. Conseqüentemente, a acessibilidade não é mais generalizada, mas limitada e controlada simbolicamente”, o que podemos usar como exemplo os centros de compras.

Assim, no Brasil, como em todos os outros países do sistema capitalista de produção, a propriedade da terra é elemento fundamental de poder sobre o espaço e exerce um grande de reprodução das relações de dominação. Porém, a distinção entre público e privado ficou mais para o âmbito dos patrimônios, da propriedade em si e não do direito dos indivíduos ao utilizá-la. Assim, a invasão do espaço público pelos interesses privados é algo bastante recorrente, visto que a falta de diferenciação do que é público ou privado pela dominação política é algo que se consolida, e os interesses de um acabam invadindo o espaço do outro. (SOBARZO, 2006)

Segundo Carlos, esses processos de mudanças do espaço público acabam influenciando diretamente na relação da sociedade com o espaço, o que acaba alterando o sentido tradicional da promoção do encontro, do lazer, do divertimento. Os três níveis de análise propostos pela autora se completam, resultando em um

estranhamento do lugar por aqueles que o frequentavam, pois com o aumento da preocupação da circulação do capital, juntamente com os jogos e influências de poder sobre o espaço, resultam na alteração da realização da vida que ali se tinha.

Os espaços públicos passam a ser menos públicos, ainda que não sejam totalmente privados, mas de certa forma começam a ser alterados para servir a um determinado tipo de público. Inicia-se uma segregação, um movimento de separação que evidencia, ainda mais, as diferenças entre classes promovidas pelo controle e vigilância. As relações passam a ser diferenciadas, regidas em favor de um movimento de negação cada vez mais excludente.

Na ótica de Lefebvre, o espaço é considerado como um produto social e histórico, que também contribui para a produção e reprodução das relações sociais. Assim, as transformações do espaço público indicam a importância da propriedade privada na reprodução capitalista, e também a constituição de uma sociabilidade cada vez mais privada e segregacionista na metrópole de São Paulo, dificultando o convívio entre grupos sociais com diferentes rendas, religiões, gostos, e visões políticas. É o espaço do reino da mercadoria e do privado, no qual quase não há condições de vida realmente coletiva e pública.

Ferraz de Vasconcelos está completamente inserida do contexto da grande metrópole paulista, apesar de ser um município pequeno. Assim, como evidenciamos no histórico da cidade, desde antes de sua emancipação seu desenvolvimento está intimamente atrelado às tendências exercidas principalmente pela capital do estado, de forma hierárquica, pelo fato de estar localizada próxima a ela.

Durante a história que perpassa sociedades, observamos cada vez mais que o conceito teórico do espaço público, de fato, sofre suas metamorfoses. Os contatos locais se perdem com o tempo e os interesses coletivos deixam de ter a devida importância no âmbito das cidades, onde se notam as relações sociais transformadas, seja por razões políticas ou econômicas, e a comunidade por fim se rende ao interior de seus espaços privados.

A contemporaneidade em que se vive, calcada no avanço do sistema capitalista de produção que cada vez mais transforma as estruturas sociais,

consagra o padrão individualista e segregacionista de dividir o espaço, não muito diferente do que outrora foi, já que o espaço público também para os gregos não era acessível a todos que faziam parte daquela sociedade, porém ao contrário, hoje se tem uma vida coletiva que beira a decadência, onde o público perde espaço para a ideologia de uma vida ideal em um espaço fechado.

As ruas e as casas tornam-se dicotomias, já que o modo de pensar o coletivo fecha-se entre muros, fazendo com que o espaço público para uso público, aquele espaço que trazia a sociabilização e o lazer, venha a ser pago. As mudanças a partir desse cenário são gritantes, CARLOS (1999:182) aponta:

(...) Desse modo, o que era público, o que acontecia no ambiente da rua se fecha intramuros. Os lugares da cidade se delimitam, se fecham e se tornam exclusivos. (...) A atenuação da sociabilidade é marcada pelo fim das atividades que aconteciam nos bairros [nas ruas], como a atenuação das relações... Provocada pela invasão da televisão, num primeiro momento, e pelo adensamento dos automóveis, que tiraram das calçadas; o fim das procissões, ...o fim das quermesses; ...o fim dos encontros nas esquinas, e os ensaios das escolas de samba que antes aconteciam nas ruas dos bairros e hoje foram confinadas a quadras cobertas e fechadas. A isso se soma a destruição de ruas e praças em antigos bairros, marcando o fim dos pontos de encontro etc.”

Esse trecho da obra de Carlos evidencia um processo que ocorre em grandes metrópoles e que por exercer influência seja econômica, política, social em cidades menores, essas acabam por também abarcarem o mesmo processo. É o caso de nosso recorte geográfico, o município de Ferraz de Vasconcelos.

Apesar da grande quantidade de praças públicas presentes em grande parte das cidades da região do Alto Tietê, Ferraz parece correr no caminho contrário a esse processo e vem acentuando a produção de espaços privados, seja admitindo vários condomínios fechados e privatizando o único espaço público de lazer existente no município. A partir do que foi explanado no capítulo anterior, a urbanização do município se deu de forma um pouco tardia exatamente pelo fato de não ser uma cidade primariamente emancipada, contando com dois momentos importantes nesse processo, até vir a tornar-se, hoje, uma cidade com baixo IDH e até pouco tempo com mínimos investimentos em infraestrutura por parte do poder público, o que aos poucos vem mudando.

Há de se evidenciar que o crescimento da cidade de São Paulo influencia diretamente no desenvolvimento e crescimento das cidades ao redor dela, o que, de fato, está relacionado à metamorfose do processo apontado. Uma cidade que cresce em ritmo acelerado pode acabar por acarretar problemas de infraestrutura e assim trazer consigo, dentre outros fatores, sensações de insegurança e necessidade de isolamento, por parte de certos grupos sociais.

Para exemplificar os fenômenos que ocorrem a partir da mudança de ótica das cidades a respeito do espaço e segurança, juntamente com o crescimento da população, temos duas teorias em que talvez uma delas seja aplicável ao município estudado: a primeira trata-se de um processo padronizado de empreendimentos a fim de abarcar alguns interesses em específico, marcado, por exemplo, pela massificação que corresponde a um processo de individualização aliado ao investimento privado, como shoppings e condomínios fechados. Algumas camadas da sociedade passam a se interessar por lugares que trazem mais tranquilidade e, inclusive, maior controle sobre cidade em termos de espaços destinados a seus usos em particular, inclusive no que se refere à questão da moradia, embora essa última seja uma característica melhor observada em cidades médias, o que não é o caso de Ferraz de Vasconcelos. Assim, procuram lugares que ofereçam conforto e isolamento, onde poder exercer seu individualismo atrás de muros e cercas elétricas.

A nosso ver, a implantação do *shopping center* e dos condomínios em Ferraz, estão relacionadas às transformações mais contemporâneas da metrópole de São Paulo. Já não sendo mais uma cidade com um polo industrial de maior destaque como antes, São Paulo abre suas portas para o capital financeiro. Com isso, essas áreas antigas centrais começaram sofrendo um processo de degradação, sendo parcialmente abandonadas pelas elites e pelo poder público, e trocadas por outras áreas mais elitizadas da cidade para abrigar o novo centro financeiro. Assim, o centro tradicional e seus arredores foram ocupados por classes mais populares em ocupações por movimentos sociais de moradia. Também na última década tem estado em curso uma tentativa por parte do Estado e das classes proprietárias de um processo de ‘gentrificação’¹, ou seja, uma alteração da dinâmica de um local

¹ A palavra vem do inglês ‘gentrification’, que sem tradução específica para o português acabou por preservar-se semelhante ao original mantendo o significado, que recordaria ao ‘enobrecimento’ de um lugar.

resultando em uma valorização imobiliária de um local com agravante, por exemplo, do aumento de custo de vida dificultando a permanência de quem antes vivia ali: as camadas sociais mais pobres, tornando o local de certa forma mais atraente para o investimento do capital. Um exemplo clássico seria o bairro central da Sé, que passou por um forte processo de revitalização na tentativa de valorizar o comércio e turismo local, e mais recentemente o bairro da Luz que teve a proposição de com o projeto de renovação urbanístico intitulado 'Nova Luz' a tentativa de restaurar o bairro e afastar moradores de rua e usuários de crack que há tempos vivem no local.

O abandono do centro da cidade abriu portas a outras zonas para receber o novo centro financeiro, e assim o deslocamento passou a ocorrer para bairros tidos como a antiga periferia, como a zona sul, que passou a receber o novo centro financeiro, gerando uma nova gama de empregos no setor terciário de serviços. Já a zona leste da cidade passou a receber investimentos com moradias, como novos prédios e os modelos de condomínios fechados. Com isso, passa a ocorrer também a construção de novos centros de lazer para atender essa expansão da classe média para as periferias, como os *shopping centers*. E aqui entra o ponto principal do que iremos tratar.

Agrupando os fatores, e principalmente com a inserção do medo do crime no meio urbano, cria-se um novo tipo de interação pública nas cidades, que modifica não só a paisagem, mas também a relação entre os cidadãos. Um grande movimento de fuga dos centros para as áreas periféricas longe do caos da capital tornou-se o novo objetivo das classes média e alta e a grande novidade do mercado imobiliário.

A exemplo disso, a Folha de São Paulo, em 2011, noticiou essa nova migração, como a dos paulistanos de classe alta indo em direção a cidades vizinhas a São Paulo para fugir do que consideram problemas da capital paulista, ou no que dizem: 'trocaram o agito e a insegurança da capital por uma vida mais confortável em condomínios fechados fora da metrópole' (Folha de São Paulo, 27/03/2011)². Segundo a reportagem, a Empresa Brasileira de Estudos de Patrimônio, a Embraesp, na época levantou dados referentes a esse processo chegando a

² Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/revista/saopaulo/sp2703201108.htm>. Acessado em 01/12/2014 às 12:34.

conclusão que entre os anos de 2008 e 2011 nos arredores de São Paulo surgiu um loteamento ou condomínio fechado a cada cinco dias. No total foram 22 mil terrenos em 212 loteamentos em três anos, e em 10 anos surgiram 85 mil lotes.

Esse modelo de área particular, ou enclave fortificado³, segue uma tendência bastante difundida nas grandes cidades. Isso nos traz também uma nova percepção da escala a qual esse movimento há de ser tratado: não se trata apenas da dualidade centro-periferia, e sim de uma escala menor, inserida em um bairro, em uma rua, onde a fragmentação do espaço tem se tornado cada vez mais clara. A respeito disso, Caldeira diz: 'Sobrepostas ao padrão centro-periferia, as transformações recentes estão gerando espaços nos quais os diferentes grupos sociais estão muitas vezes próximos, mas estão separados por muros e tecnologias de segurança, e tendem a não circular ou interagir em áreas comuns' (2000: 211). O ambiente murado traz aos frequentadores e residentes, primeiramente, certa dose de segurança, a segurança que o poder público, na ótica dos mesmos, não fora capaz de instaurar na vida cotidiana. Em segundo lugar traz o status, ou seja, ao fragmentar esse espaço dando exclusividade apenas às classes mais abastadas, além de afirmar as desigualdades, criam um novo padrão a ser seguido, inclusive nos espaços abertos que seria de uso público, o que falaremos nos próximos capítulos.

Acompanhando esse movimento internamente à região metropolitana, como já dissemos, cidades ao redor da capital acabam também por seguir essa tendência, cidades consideradas de periferia, com menor IDH, menor investimento em serviços e carente de infraestrutura urbana têm virado alvo dos novos empreendimentos, mais modernos, onde o ramo imobiliário tem trabalhado para esses municípios serem atraentes para investimentos, tanto do capital privado, quanto de uma parceria público-privado, o que tem se tornado comum nas grandes cidades. Essa poderia ser considerada uma das tendências as quais Ferraz de Vasconcelos se inclina.

³ 'Enclaves fortificados são espaços privatizados, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer ou trabalho. Esses espaços encontram no medo da violência uma de suas principais justificativas e vêm atraindo cada vez mais aqueles que preferem abandonar a tradicional esfera pública das ruas para os pobres, os "marginais" e os sem-teto. Enclaves fortificados geram cidades fragmentadas em que é difícil manter os princípios básicos de livre circulação e abertura dos espaços públicos que serviram de fundamento para a estruturação das cidades modernas.' (CALDEIRA, 1997, pag. 155).

Uma hipótese que aventamos diz respeito ao possível aumento da renda dos próprios cidadãos, tanto de Ferraz quanto das cidades ao redor.

A partir da ação da tentativa de valorização do espaço público pelo ramo imobiliário, o Estado procura agir de acordo com as novas perspectivas, tanto no que se refere à economia da cidade quanto às necessidades do público frequentador, pois ao comprar a ideia de um espaço selecionado e mais seguro, automaticamente se inclui na lógica do sistema da reprodução do capital e do espaço, porém utilizando um espaço que era público, que se torna privado.

Por isso, Ferraz de Vasconcelos, mesmo sendo uma cidade pequena, acaba reproduzindo tendências, influenciado diretamente pela Região Metropolitana de São Paulo, como dito anteriormente, onde o poder municipal, no esforço também de deixar sua marca através da moeda de troca que é o voto, acaba iludindo uma grande parte da população ao defender e permitir a instalação de um novo empreendimento imobiliário que viria, a princípio, para aumentar as arrecadações a garantir um espaço de lazer e entretenimento para a população, como a instalação de um *shopping center*. É um fato que o aumento do número desses complexos altera a economia da maioria das cidades em que se instalam, porém fica cada vez mais claro que de público e acessível a todos esses espaços tem pouco quando o interesse é o consumo e o lazer de uma classe em específico.

NOVOS PRODUTOS DE LAZER, CONSUMO E MORADIA

Um viés econômico

O lançamento de novos produtos imobiliários é um grande exemplo na análise da relação entre público e privado, pois são eles que acabam por expressar na vida cotidiana, e em nossa era contemporânea, as novas formas de praticar atos antigos, como morar, consumir e obter momentos de lazer, e as antigas práticas socioespaciais tornam-se ultrapassadas, produzindo-se uma obsolescência social destes lugares e práticas, motivando a chamada renovação. *Shoppings centers* e loteamentos fechados representam hoje o símbolo de modernidade e segurança, mas seguem a lógica do controle e vigilância de quem frequenta o espaço, causando a fragmentação do mesmo com o processo de hierarquização. No que diz respeito aos condomínios fechados, relações sociais praticamente nulas com o restante da cidade, além de evidenciar a disparidade entre classes sociais, a segregação e exclusão daqueles que não se encaixam no padrão aceito por quem controla esse novo espaço, seja o Estado por meio de regras ou a classe dominante da cidade, as elites ou simplesmente uma classe média com melhores condições, através do poder econômico, como já foi explanado no capítulo anterior.

CALDEIRA (2000) nos mostra que a partir dos anos 80 as classes média e alta passam a mudar seus estilos de vida e a forma de consumir a cidade; assim, aqueles lugares os quais moravam e os que vão morar acabam também por modificarem-se.

Porém, nos últimos anos, surgiram algumas teorias no que remete a ordem das classes no Brasil, onde o que tínhamos por dados para divisão entre classes sociais sofreu uma ligeira mudança. Dados do governo dão conta de que a promoção de um novo estilo de governar o país a partir de 2002 e o bom desempenho econômico proporcionou incluir grande parte da população das classes mais baixas também no ciclo de consumo e circulação, como já falamos, mudando não só a noção das classes A, B, C, D e E, como também alterando a pirâmide social preexistente, através do controle da inflação, o aumento do salário mínimo e programas de transferência de renda e sociais como Fome Zero⁴, Bolsa Família⁵,

⁴ Programa estimulado pelo governo federal brasileiro criado em 2003, em substituição ao Programa Comunidade Solidária, para o enfrentamento da fome e da miséria.

Minha Casa Minha Vida⁶ e o Brasil Sem Miséria⁷. Aqui a representação dessa nova estrutura:

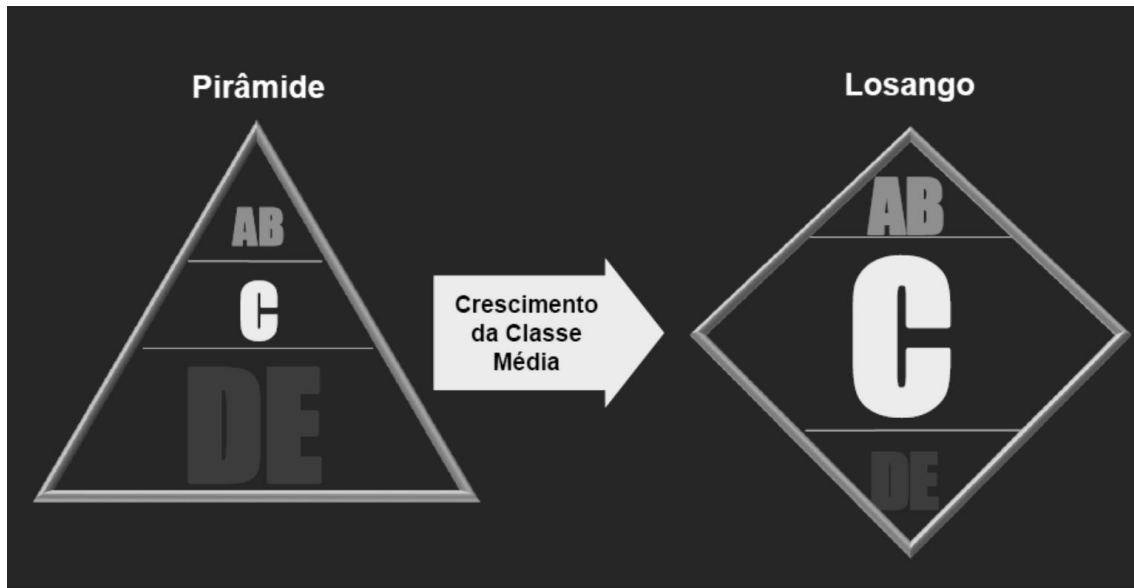


Figura 1 - Mudança de estrutura social da pirâmide para o losango. Fonte: Data Popular.

Em 2012, a Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República publicou que 35 milhões de brasileiros haviam ascendido à classe média (classe C) em uma década, ou seja, do ano de 2002 a 2012. Da mesma forma que a classe média, segundo a entidade, a classe baixa correspondente a D e E, reduziu seu percentual e a classe alta, composta por A e B, havia crescido. Também foi publicado que entre os anos de 2002 e 2012, da classe baixa à classe média ascenderam 21% dos brasileiros, já da classe média à alta, 6%. Já o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, o IPEA, divulga que entre 2001 e 2011 a renda da camada mais pobre da população cresceu 90%, atingindo estatisticamente o menor nível de desigualdade de sua história.

⁵ É um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o país. O Bolsa Família integra o Plano Brasil Sem Miséria, que tem como foco de atuação os milhões de brasileiros com renda familiar per capita inferior a R\$ 77 mensais e está baseado na garantia de renda, inclusão produtiva e no acesso aos serviços públicos. Fonte: <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>.

⁶ Programa governamental criado em 2009 com objetivo de financiar a compra e a construção de moradias ofertando melhores condições de financiamento a taxas de juros abaixo do mercado, que variam de acordo com o salário dos interessados.

⁷ O Plano Brasil Sem Miséria agrega transferência de renda, acesso a serviços públicos, nas áreas de educação, saúde, assistência social, saneamento e energia elétrica, e inclusão produtiva. Fonte: www.brasilsemisericia.gov.br/.

Aqui temos um panorama da mudança significativa numa amostragem de 20 anos, entre o início da década de 90 e o ano de 2014, mostrando a ascensão em números da classe C e diminuição do índice de pobreza entre os brasileiros:

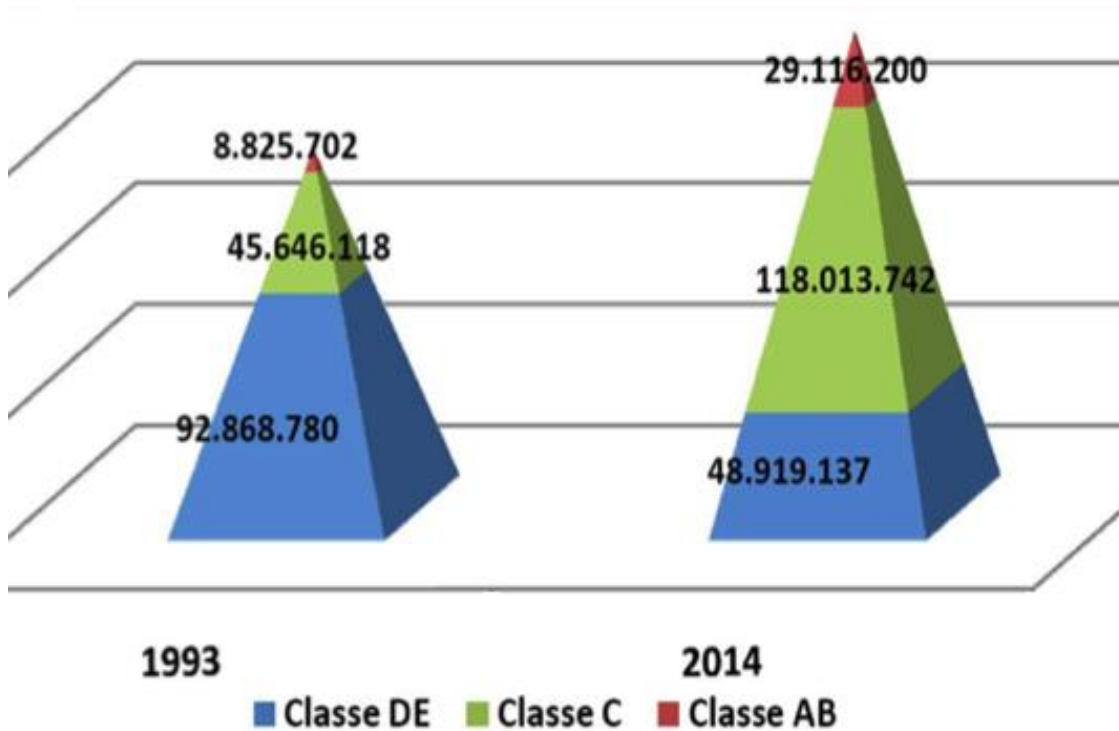


Gráfico 3: Ascendência da classe C entre os anos de 1993 e 2014. Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE.

Segundo os estudos do Data Popular em parceria com o Serasa Experience, denominado 'Fases da Classe Média' feito a partir dos dados do PNAD - IBGE, a classe média brasileira representa 54% da população tendo 58% na participação de consumo de crédito. Ainda no estudo, constatou-se que a renda mensal da classe média brasileira varia de R\$ 320 a R\$ 1.120 por pessoa. Essa parcela que é composta por cerca de 118 milhões de pessoas, em 2013 chegou a injetar na economia R\$1,73 trilhões, o que chegaria a ser impensável há algumas décadas, proporcionando assim poder de compra para os mesmos inserindo-os no ciclo de consumo, principalmente no que diz respeito a eletrodomésticos, carros, viagens e moradia, o que os faz também ser o principal alvo de vários segmentos.

Essa nova inclusão social renovaria um ciclo que permitiria mudanças estruturais no país e, a partir disso, muitos setores da economia desenvolveram, assim como algumas pessoas passaram a ter acesso a coisas que antes talvez não poderiam, como citamos anteriormente.

Essa teoria de uma nova classe média do país, porém, não é unanimidade. É fato, sim, que o poder de compra de certa parte da população cresceu, bem como mostram dados de órgãos oficiais e estudos de mobilidade social, porém que não seria suficiente para afirmar o surgimento de uma nova classe média. O economista Márcio Pochmann em um de seus artigos sobre o momento da economia brasileira conclui que a definição que temos por classe média carrega seu significado por uma perspectiva de estruturação social vinda do capitalismo industrial, onde a estruturação da sociedade em classes passou a ser global. Com a passagem da sociedade industrial para a de serviços, aquilo que se acreditava manter-se inalterado, mudou, ou seja, a estruturação social de classe. A instabilidade e o desemprego proporcionados por uma globalização desregulada viria a alterar as conhecidas classes sociais clássicas. O que defende o economista, é que o termo classe média seria de certa forma ultrapassado, pelo motivo de este se referir à classe que havia nos tempos de capitalismo industrial, fortemente alterado pelo avanço tecnológico e crescimento do terceiro setor:

“Na medida em que se assiste o avanço das sociedades pós-industriais, com forte peso relativo da ocupação de serviços, pode se tornar sem efeito a aplicação simplista do conceito tradicional de classe, sobretudo de classe média ancorada no critério de rendimento.” (2013:167).

No caso brasileiro em específico, Pochmann esclarece que as pesquisas evidenciam cada vez mais que pode ser um erro associar o crescimento dos rendimentos de grande parte da população alojada na base da pirâmide social com a designação de classe média, e que o que acontece nesse momento econômico do país seria apenas um alargamento das classes trabalhadoras que fora instigado pelo aumento do setor terciário, e como consequência resulta num aumento da participação da população na aquisição de bens de consumo.

Ferraz de Vasconcelos, assim como muitas outras cidades do Brasil e da região metropolitana, pode ter vivido esse mesmo momento econômico produtivo vivido pelo país. Aqui podemos partir da premissa de que pode estar acontecendo na cidade um novo acesso para pessoas que puderam expandir sua renda mensal, e com isso um novo tipo de relacionamento entre espaço público e privado, pois com as novas necessidades, uma nova inserção no ciclo de consumo, também chegam

os novos empreendimentos, mais modernos e voltados ao consumo de mercadorias, entre os quais novas residências, novos espaços de comércio e consumo.

Como mostrado na evolução de sua industrialização e comércio, o que chamou atenção das primeiras pessoas a escolherem a cidade para instalar-se foi a proximidade com a capital e os valores baratos dos terrenos. Contemporaneamente, como ainda há área o suficiente para ser urbanizada por novos empreendimentos, somado aos novos interesses dos consumidores e o seu poder de compra são elementos que têm atraído o ramo imobiliário. Por Ferraz ser uma cidade pequena, geograficamente bem localizada, com muitas áreas livres a serem exploradas com lugares tranquilos, parece ser uma cidade perfeita para induzir não somente a compra de imóveis, mas também abrir uma disputa por acesso a novos centros, por exemplo, de compras de acordo com o perfil do município, tanto por valores um pouco menores do que outras cidades com melhor infraestrutura, quanto pelos incentivos fiscais proporcionados pela prefeitura da cidade, usado especificamente para atrair investimento.

Tem sido um processo longo de mudança no Alto Tietê, a qual Ferraz começa a se inserir. Mogi das Cruzes e Suzano já contam há alguns anos com boas infraestruturas tanto básicas (de saúde, escolas) quanto de compras, de moradia. Mogi, ainda mais por ser uma cidade independente, conta com seu próprio centro de negócios e comércio fixo, arrecadando parte dos trabalhadores do Alto Tietê, que se dividem entre ali e o centro de São Paulo, além de também estar próximo ao litoral norte, sendo uma cidade com áreas bastante valorizadas, abrigando condomínios de luxo e alto padrão.

Ferraz contava com um dos IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano por Município - mais baixos da região, mas que se alterou de forma positiva na última década, que pode ter sido estimulado pelas melhorias das políticas públicas da cidade, assim como o próprio momento econômico do país com sua proposta de aumento do número de empregos e estímulo da economia, o que ajuda na elevação do índice. Aqui temos a comparação entre as cidades da região do Alto Tietê:

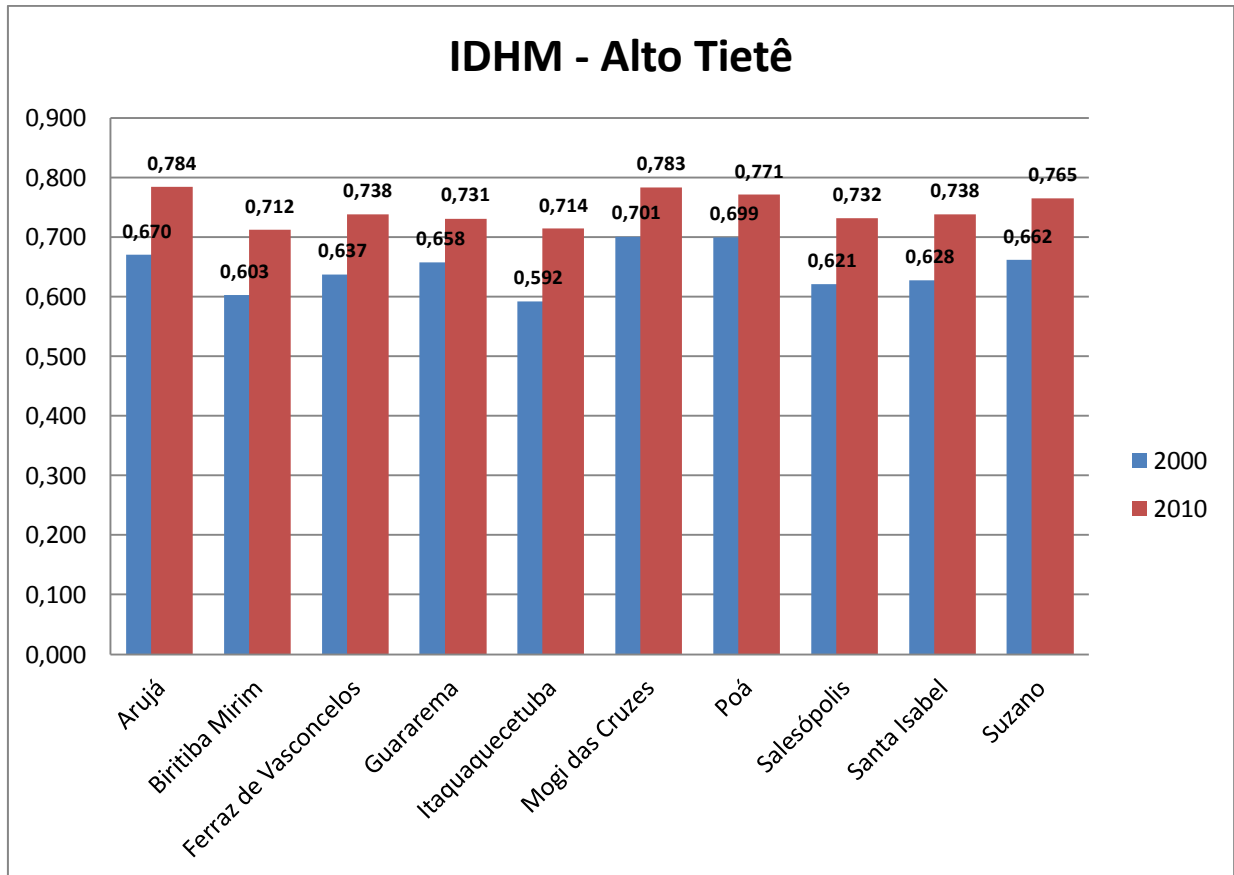


Gráfico 4: Índice de desenvolvimento humano dos municípios do Alto Tietê. Desenvolvido por: Aline Silva Barros. Fonte: Fundação SEADE.

Pode-se observar nesse gráfico um esboço de alguns pontos curiosos: apesar de Mogi das Cruzes ser a maior e a mais desenvolvida dentre as cidades que configuram a região do Alto Tietê, não foi a que mais cresceu entre os últimos dois censos. Arujá se destaca nessa posição, sendo um município da microrregião de Guarulhos, assim como a vizinha contém uma grande região de área de preservação ambiental, o que, também por razões de projetos voltados ao meio ambiente, faz com seja conhecida como ‘Cidade Natureza’, ajudando a elevar seu status como cidade com boa qualidade de vida. Corroborando o que citamos nesse trabalho sobre o Alto Tietê como grande interesse do ramo imobiliário, Arujá também conta com alguns condomínios, que começaram a migrar para o município ainda na década de 50, influenciado diretamente pela construção da Rodovia Presidente Dutra. Diferentemente de outras cidades, a administração municipal, segundo fonte⁸, decidiu aprovar a construção somente de condomínios de alto padrão, o que já cria

⁸ Fonte: <http://odiariodemogi.inf.br/cidades/eleicoes/6598-contraste-social-desafia-aruja.html>. Acessado em 10/09/2013 as 15:49.

uma configuração diferente, por exemplo, da vizinha Itaquaquecetuba, que opta por loteamentos voltados para a camada mais popular.

Já Ferraz conta com o 5º melhor índice no período, sendo ultrapassado inclusive por cidades menores, como Poá, a qual faz fronteira. Porém, é inegável a melhora das condições do município, o que se confirma quando analisados os gráficos de PIB e principalmente de renda per capita (que será colocada mais abaixo):

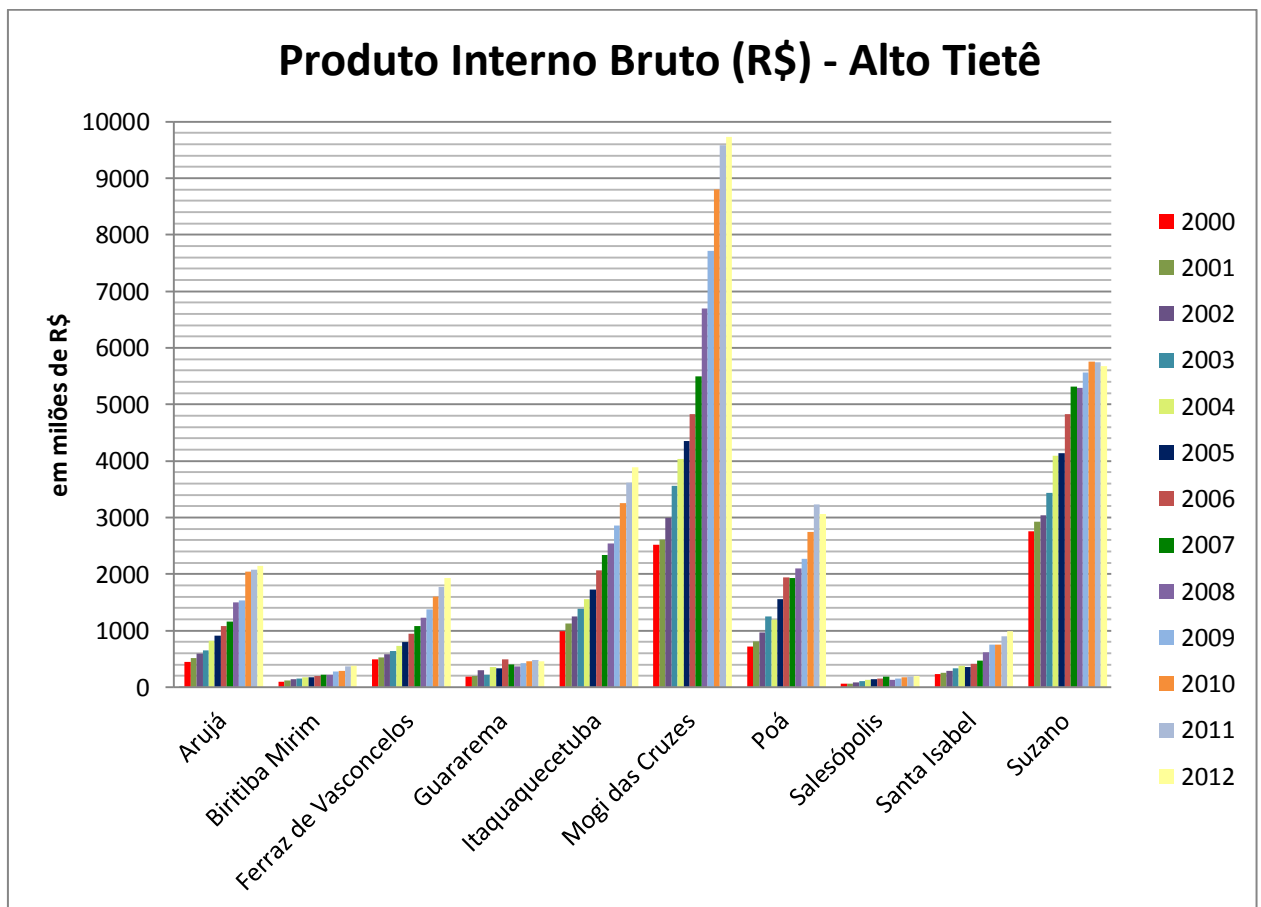


Gráfico 5: Produto Interno Bruto dos municípios do Alto Tietê. Desenvolvido por: Aline Silva Barros. Fonte: Fundação SEADE.

Algo interessante a notar-se no gráfico é a cidade de Itaquaquecetuba, que apesar de contar com um IDHM muito abaixo das outras cidades, conta com um PIB razoável e um crescimento considerável entre os anos, ultrapassando cidades como Poá e Arujá. A partir disso, e mais uma prova que corrobora aqui este trabalho, é o fato de Itaquaquecetuba também receber seu complexo de lazer privado na cidade. No ano de 2015, a cidade recebeu seu primeiro *shopping center*, que traz o slogan: *'Bom mesmo é ter você por perto. O Shopping Pateo Itaquá é o ponto de encontro*

para o seu lazer, o seu entretenimento, as suas compras e a sua alimentação'. Segundo informações, o complexo tem grandes redes de alimentação e lojas de departamento, e o próprio site⁹ do grupo responsável pelo shopping, o Grupo Tenco, afirma:

“A interiorização de shoppings é uma forte tendência do setor e os motivos são vários. São locais ainda pouco explorados pela rede de varejo, mas que possuem forte potencial de consumo, devido ao aumento da população de classe média e ao grande incentivo fiscal. Além disso, *procuramos levar entretenimento de qualidade para as pessoas possam ter momentos de lazer em um ambiente seguro*”.¹⁰

Fica claro, além de uma influência sobre o modo de se fazer o lazer da mesma forma que as classes mais altas viriam a prezar, no caso aquela com mais segurança (envolto por muros e policiamento) e voltado para o consumo, que a potencialidade do novo comprador é o objetivo de sua construção, apesar de Itaquaquecetuba ser considerada uma das cidades mais pobres da região, o poder de compra dos munícipes atraiu a atenção de novos investidores. Além deste empreendimento, a cidade já conta com o projeto de um segundo, o Itaquá Garden Shopping, com inauguração no primeiro semestre de 2016.

Nota-se que Mogi das Cruzes lidera, obviamente, a cidade sustenta sua própria economia, suas indústrias e centros comerciais são responsáveis por empregar a maior parte dos moradores. E, além disso, Mogi e Suzano retêm uma boa parte de suas rendas através de um comércio representativo e lazer privado e público oferecido à população. Ambas as cidades investem consideravelmente em parques públicos, onde também permitiram a construção dos *shoppings centers*, o que acaba por abranger a população como um todo em termos de acesso. Aqui podemos ver o quanto cada município tem gasto com esportes, cultura e lazer¹¹:

⁹ Retirado do site: www.grupotenco.com.br. Acessado em 30/07/2015 às 18h50min.

¹⁰ Grifo nosso.

¹¹ Apesar de o gráfico ter sido elaborado com base nos dados da Fundação SEADE, ela alimenta sua base com dados da pesquisa censitária do IBGE, em observação às variantes utilizadas pelo órgão consideram-se gastos com implantação de equipamentos esportivos, de áreas de convivência pela prefeitura, além de implantação de estruturas visando a melhoria do setor turístico dos municípios. Fonte: www.seade.gov.br. Os números também podem ser visto no Portal da Transparência do Governo Federal: <http://www.portaldatransparencia.gov.br/convenios/ConveniosLista.asp?UF=sp&CodMunicipio=6415&CodOrgao=&TipoConsulta=0&Periodo=>.

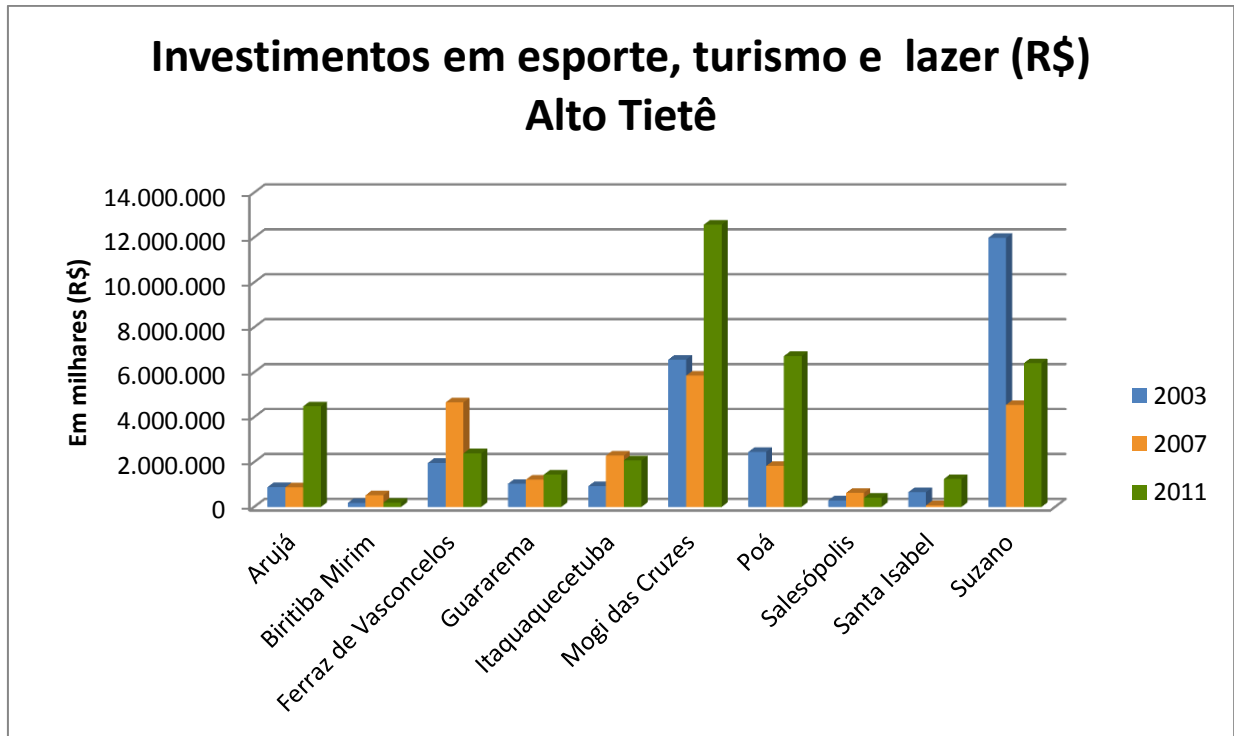


Gráfico 6: Investimento em esporte, turismo e lazer nos municípios do Alto Tietê. Desenvolvido por: Aline Silva Barros. Fonte: Fundação SEADE.

Observa-se que Mogi e Poá têm as maiores verbas destinadas a essa finalidade. A última aparece destacando-se, principalmente por ser conhecida como a ‘Cidade das Praças’, o poder municipal recebe maior quantidade de verba pública por tratar-se de uma cidade turística por conta de sua Estância Hidromineral, junto a isso se percebe o motivo pelo qual o PIB da cidade também é consideravelmente grande para uma cidade de seu tamanho. Poá possui pelo menos três praças públicas apenas no centro da cidade, ainda a contar com as distribuídas entre os bairros periféricos.

Em 2007, Ferraz de Vasconcelos obteve um grande gasto, supostamente, na área de lazer. Isso pode ser explicado exatamente no contexto o qual estamos aqui discutindo. O poder municipal na época dispendeu uma grande quantidade de dinheiro na reforma completa do Complexo Esportivo Gothard Kaesemodel Júnior com piscinas, quadras novas e a reforma do estádio municipal da cidade, que ressaltamos, uma área central que poderia ser livremente utilizada pelos munícipes.

Ao contrário de outras cidades, como foi dito, Ferraz não conta com grandes centros comerciais para empregar e muito menos um grande número de fábricas, embora a indústria na cidade seja a que mais empregue. Porém, ela também faz

parte das cidades cujo momento econômico e político favoreceu o crescimento da renda familiar, prova disso é o dado socioeconômico do município ao que se refere à renda per capita e o rendimento médio mensal:

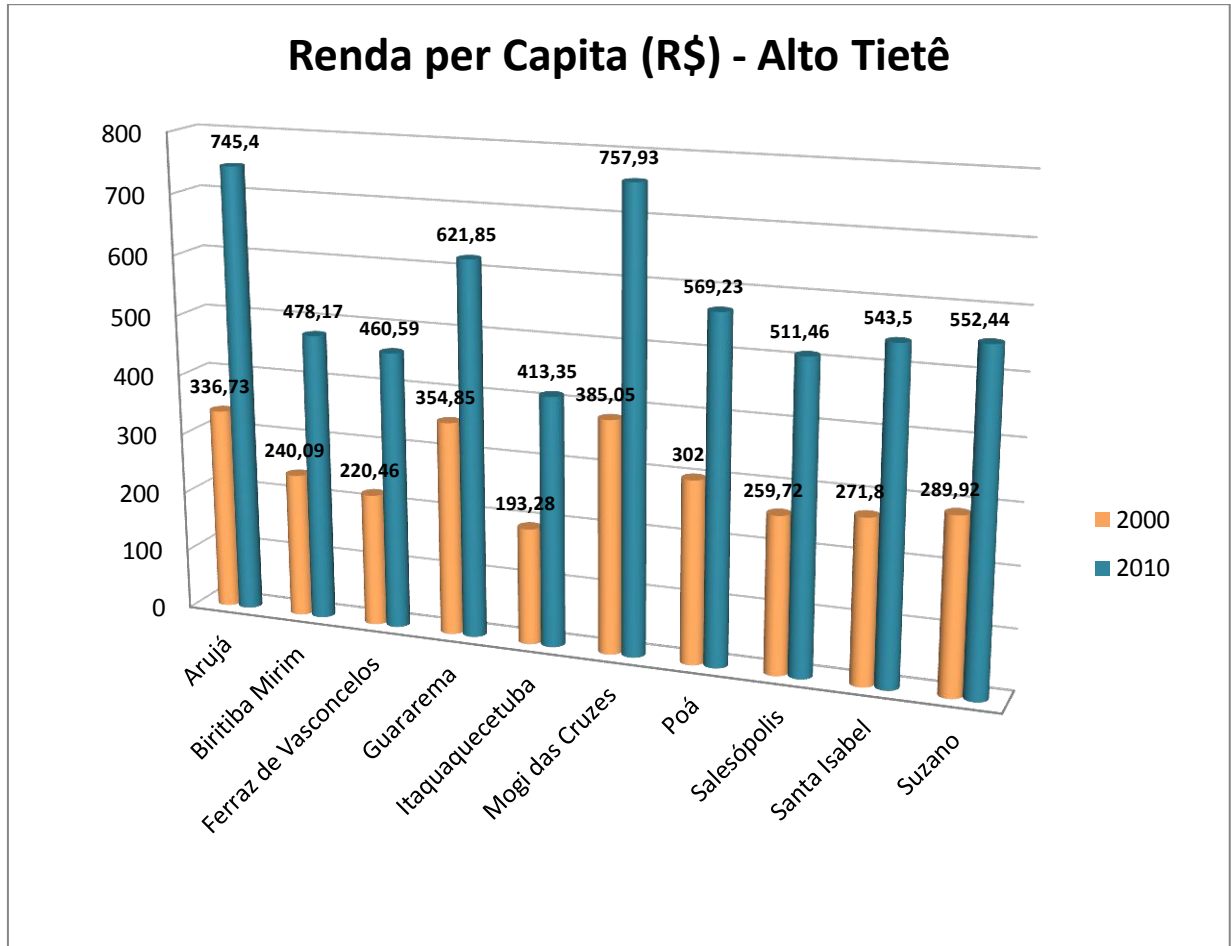


Gráfico 7: Renda Per capta dos municípios do Alto Tietê. Desenvolvido por: Aline Silva Barros.

Fonte: Fundação SEADE.

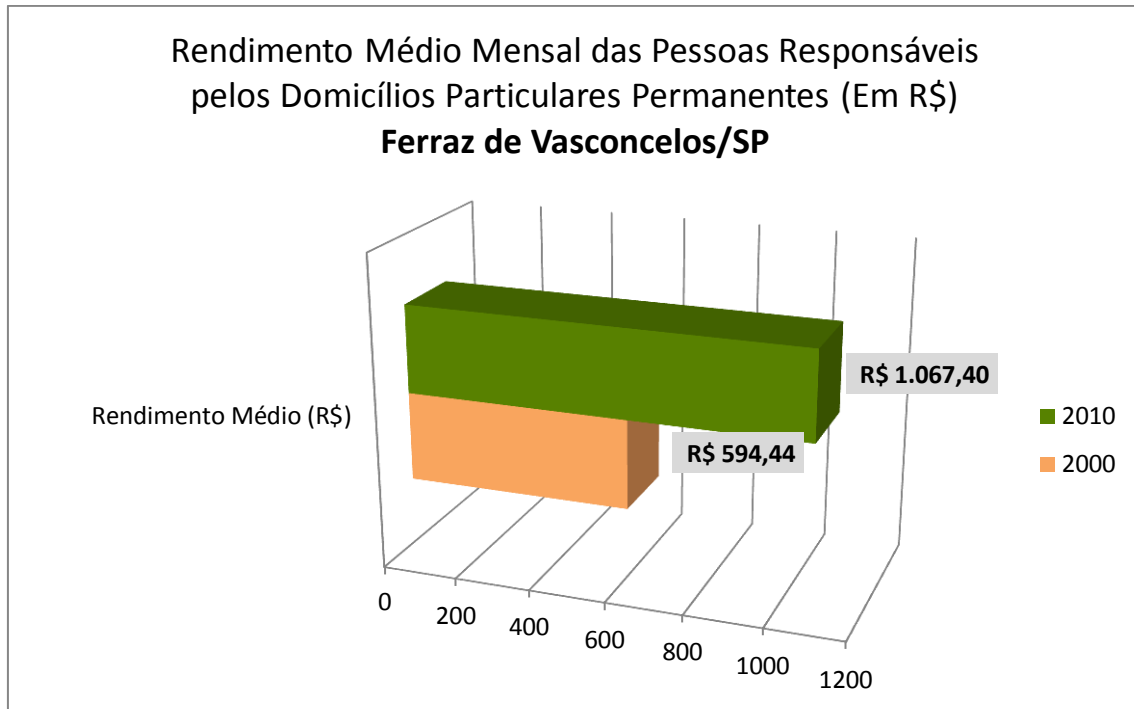


Gráfico 8: Rendimento médio mensal das Pessoas Responsáveis pelos domicílios particulares permanentes em Ferraz de Vasconcelos. Desenvolvido por: Aline Silva Barros. Fonte: Fundação SEADE.

É um fato que a renda per capita do município mais que dobrou em 10 anos, o que acarreta em um razoável poder de consumo que também tem chamado a atenção de alguns setores. Exemplo claro disso também é o crescimento do número total de veículos em posse dos ferrazenses, o qual foi constante:

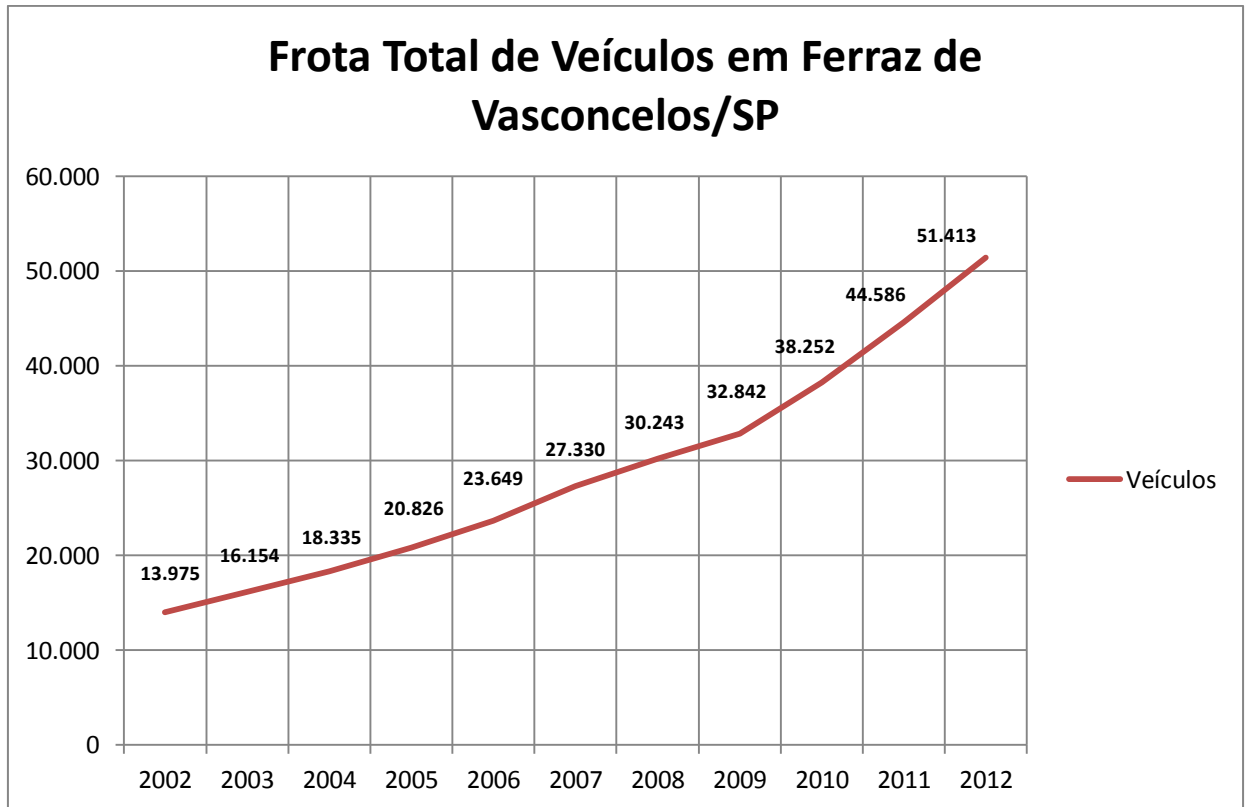


Gráfico 9: Frota Total de Veículos em Ferraz de Vasconcelos entre 2002 e 2012. Desenvolvido por: Aline Silva Barros. Fonte: Fundação SEADE.

Todos esses dados que foram aqui mostrados, acreditamos, atraiu uma grande atenção do setor tanto comercial quanto imobiliário não só para Ferraz de Vasconcelos, mas para o Alto Tietê como um todo. Afinal, sempre foram cidades conhecidas pela proximidade com a capital, porém sempre foram tidas como cidades de periferia que só teriam a mão de obra para o trabalho na cidade de São Paulo para oferecer. O que teria levado os setores a apostarem um investimento nessa região? Acreditamos que o aumento desse poder de compra expresso pelo aumento de renda per capita pode ser considerado importante. Coisa parecida já vinha sendo feita na zona leste da cidade, como Itaquera. O mais recente shopping foi o do bairro em frente à, hoje, Arena Corinthians, o que inclusive influencia diretamente no consumo dentro do estabelecimento comercial. Um shopping popular, porém numa região extremamente populosa como a zona leste, com um momento econômico do país promissor, não houve hesitação do setor imobiliário.

A privatização e individualização do espaço

Novamente, CALDEIRA (2001) já abordava esse movimento como ‘a cidade desejável’, que aqui se pode perfeitamente adaptar a ideia. Caldeira pontua a tentativa das imobiliárias, já nos anos 90, de atrair a atenção de novos moradores exaltando o tradicional estilo de vida, mas de uma forma mais moderna. Como a autora coloca:

“Como os condomínios fechados incorporam prestígio, não é de se surpreender que anúncios para outros tipos de edifícios façam referências a eles. Em anúncios de prédios de apartamentos em bairros tradicionais de classe média baixa e das classes trabalhadoras, é impossível ter o luxo do Morumbi, mas alguns sinais em direção ao seu modelo estão presentes.” (2001: 288)

Ou ainda:

“(...) Fica claro que para atrair a classe média baixa e a classe trabalhadora, os anúncios precisam mudar algumas de suas ênfases. Por exemplo, eles frequentemente mencionam a existência de transporte público - crucial para quem não pode ter automóvel -, serviços públicos e infra-estrutura [sic] urbana.” (2001:288)

O modo de vida de pessoas melhor condição financeira costuma atrair aqueles que não dispõem do mesmo montante de renda, e que apesar disso veem sua situação de vida melhorar aos poucos. O acesso a coisas antes inimagináveis e as facilidades para obtê-las torna essa classe a mais propensa ao consumo de não só de trivialidades, mas também de bens duráveis como carros e imóveis. As vantagens oferecidas por empresas são inúmeras para tornar o produto atraente, como, por exemplo, o uso do fundo de garantia trabalhista no pagamento, o FGTS, em programas governamentais financiados como o Minha Casa Minha Vida.

Em Ferraz de Vasconcelos encontramos, a exemplo, pelo menos seis condomínios bastante conhecidos, sendo eles: Parque Atlântida, Conjunto Residencial Parque Castelo, Vale do Luar, Residencial Morada de Ferraz, Parque dos Sonhos e Park dos Pinheiros, com alguns possuindo inclusive CEP próprio. Todos eles não ficam muito próximos ao centro, sendo espalhados em áreas mais

afastadas, próximos às chácaras (ou seja, nas áreas verdes), mas possuem vias de fácil acesso tanto para chegar ao centro quanto para sair da cidade.

O Residencial Park dos Pinheiros encaixa-se perfeitamente nos que vínhamos explanando, a imobiliária responsável tratou de evidenciar em sua propaganda todas as vantagens possíveis de um imóvel nas seguintes condições: condomínio com quadra esportiva, churrasqueira, forno para pizza, playground, espaço melhor idade, piscinas adulto e infantil, bicicletário, fitness, salão de festas/gourmet, brinquedoteca, salão de jogos e praça. Além disso, faz questão de exaltar o fato de proporcionar ao morador a segurança e o lazer com *'A tranquilidade do interior sem sair da cidade'*. Ressaltando o momento vivido pelo Alto Tietê, sendo ela uma região com crescente demanda de imóveis, Ferraz de Vasconcelos é tido, na propaganda, como um local de estrutura sólida, com muitos estabelecimentos comerciais como padarias, supermercados, academias, agências bancárias a disposição dos moradores, além de exaltar a mobilidade fazendo referência ao trecho leste do Rodoanel Governador Mario Covas, recém-inaugurado o qual a cidade possui fácil acesso.



Figura 2 - Ofertas do Condomínio Park dos Pinheiros. Fonte: Big Construtora.

A propaganda do condomínio *Park dos Pinheiros* também segue a mesma linha e tenta atrair o consumidor, através de ofertas do modelo classe média alta de

moradia com piscina, salas de lazer, playground, além de segurança garantida com serviços de manutenção básicos garantidos, ou em outras palavras, empregados a disposição.

Ambos os folhetos também citam as vantagens de um 'condomínio-clubes' de se ter tantas áreas de lazer sem ter de enfrentar o caos do trânsito e um meio urbano difícil, proporcionando assim a possibilidade de a família ter mais tempo junta. Ou seja, a propaganda dá a entender que todos podem ter um fácil acesso a uma moradia com lazer e segurança reforçada, onde o morador não tem a necessidade de se deslocar do quintal de sua casa para se socializar e obter uma verdadeira vida livre, e ainda não ter a obrigação de conviver com aquilo que é diferente, sem a presença de pessoas estranhas. Não ter de lidar com a figura "do outro" é a característica que mais se vende nesse tipo de negócio, o que os distancia de um ambiente público, como uma praça ou parques públicos. É mais uma vez o interesse privado que tenta agir sobre o espaço público e onde se fundem ao mesmo tempo em que se separam, já que esse tipo de empreendimento, por mais livre que possa parecer, não significa o prazer da liberdade e tampouco é de acesso a todos, fisicamente e financeiramente. Como bem aponta Bauman (2003:10):

"Você quer segurança? Abra mão de sua liberdade, ou pelo menos de boa parte dela. Você quer poder confiar? Não confie em ninguém fora da comunidade. Você quer entendimento mútuo? Não fale com estranhos, nem fale línguas estrangeiras. Você quer essa sensação aconchegante de lar? Ponha alarmes em sua porta e câmeras de tevê no acesso. Você quer proteção? Não acolha estranhos e abstenha-se de agir de modo esquisito ou de ter pensamentos bizarros. Você quer aconchego? Não chegue perto da janela, e jamais a abra. O nó da questão é que se você seguir esse conselho e mantiver as janelas fechadas, o ambiente logo ficará abafado e, no limite, opressivo."

Podemos refletir a partir do que foi explanado aqui sobre como a vida moderna também incide sobre as decisões tomadas em relação aos espaços tomados pelo uso comum a todos. Não raro, nos deparamos com notícias de situações emblemáticas que nos fazem pensar sobre o que é um bem público e o que é um bem privado. Algo claro, por exemplo, é a situação dos carros.

Em São Paulo, sabemos, o uso do carro é tomado pela grande maioria os cidadãos que podem obtê-lo, para chegar ao trabalho, para o lazer, para viajar, pois

o uso do transporte coletivo vê-se defasado demais para o uso de certas camadas sociais, sendo também uma questão cultural, além da necessidade diária. A construção de rodovias, marginais, rodovias e vias de acesso são reflexos do que a cultura do bem privado do carro pode influenciar na estrutura de uma cidade, e toda e qualquer ação para promover algo contrário a isso parece ser refutada pela maioria. Exemplo disso foi a recente abertura da Avenida Paulista pela Prefeitura Municipal de São Paulo apenas a pedestres nos domingos. Algo comum em países europeus tão usados como exemplo de cidadania e bom planejamento pelo senso comum, a ação não deixou de levar críticas embora pesquisas ressaltando os pontos positivos inclusive para o comércio local, tenham deixado a impressão que a abertura foi um grande passo para o uso do lugar público pelos cidadãos. Em pesquisa divulgada pelo site Estadão¹², aponta que 50% dos comerciantes são a favor da abertura da avenida para pedestres, 25% são contra e outros 25% são neutros, o que demonstra que o impacto econômico da região, que seria um dos motivos para ser contra a medida, causaria prejuízos, mas não foi isso o que a pesquisa mostrou ao interrogar os próprios comerciantes. Ou seja, a ação de promover o convívio não só devolve a cidadania e aprofunda as relações sociais de convivência no espaço, como também em nada prejudicou o lucro, pelo contrário, o aumento da circulação promoveu o aumento do consumo.

O arquiteto Rogério Marcondes Machado, doutorando da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, em uma discussão sobre a construção de cicloviárias, afirma que “A vaga (do carro) é o uso privado do espaço público, e a ciclovia não”. A ciclovia também se tornou uma forma de diversificar o uso do solo da cidade, por ocupar menos espaço tanto nas estradas quanto nas vagas para estacionar. Assim, por que não interpretar o carro com um bem privado em um lugar público e as rodovias como a extensão da privatização do espaço?

Na questão que diz respeito ao *shopping center*, há um problema a respeito de seu acesso, pois, sendo privado, a entrada de pessoas está condicionada a regras, como já falamos anteriormente, o que faz com que alguns movimentos sejam incômodos de certa forma para a proposta do centro de compras, que é no caso o

¹² Fonte: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,entre-os-comerciantes-metade-e-a-favor-e-25-contra-fechar-paulista-para-carros-diz-pesquisa,1754731>

consumo. Recentemente alguns casos em relação ao uso do mesmo trouxeram alguns questionamentos.

Aliás, há de se discutir também o que significa a inserção dos *shoppings centers* no Brasil, e do porque se faz necessário instalar um empreendimento desse porte em um lugar onde outros tipos de equipamentos urbanos poderiam, de melhor forma, servir a comunidade como um todo.

O contexto o qual os centros de compras surgem no Brasil diz muito sobre a relação deles com a cidade, pois chegam em um momento onde o avanço do capitalismo necessita do monopólio do espaço. O país na década 1960 caminhava para o desenvolvimento desse monopólio e assim sendo, empresas de grande capital necessitando desse espaço promovem estratégias para atrair consumidores, e é esse caráter consumidor do sistema capitalista que fará o *shopping center* se desenvolver nas cidades, fazendo apelos ao moderno, ao novo, onde ao adentrar-se não existiriam os problemas comuns das grandes metrópoles.¹³

PINTAUDI¹⁴ já viria a dizer que a massificação e homogeneização da sociedade viriam a individualizar o consumo, e que isso seria um acelerador do processo do ciclo do capital. Com isso os *shoppings centers* criaram um ambiente confortável para quem tem condições de consumir, sem preocupações e que exala a felicidade que pouco se encontraria em outros ambientes da cidade. Já o mercado consumidor, segundo a autora:

“não é homogêneo. Principalmente no Brasil, onde não só temos estratos de consumo extremamente diferenciados, como também, uma economia cujas regras são mudadas da noite para o dia, a inflação corroendo o poder de compra da maioria - os assalariados. Certamente que, avaliando esses problemas, os empresários do setor imobiliário e comercial não esperam reproduzir seu capital, vendendo aos estratos de rendimento inferiores da nossa população (que congregam maior número de pessoas), mas sim aos estratos médios e superiores.” (1992, pag. 30)

De acordo com esse excerto, não faria sentido empresários investirem em estabelecimentos se não houvesse consumidores com poder de compra suficiente

¹³PINTAUDI, Silvana Maria & FRÚGGOLI JR., Heitor (Orgs.). *Shopping Centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras*. São Paulo: Ed. Da UNESP, 1992.

¹⁴ IDEM.

para atrair lojistas dispostos a pagarem pelos espaços. Há de se considerar então que o ganho deve ser mútuo, para a instalação de um shopping center em uma cidade de periferia. A propósito disso:

“Essa heterogeneidade de frequentadores vem se ampliando e é nítida numa cidade como São Paulo, uma vez que os SC, outrora destinados somente a grupos com alto poder aquisitivo, vêm abarcando, em sua expansão por outras regiões, grupos que antes não faziam parte da sua clientela usual. A ideia de um espaço elitizado vai sendo substituída pela de um espaço “interclasses”.” (1992, pag. 78)

Recentes eventos intitulados ‘Rolezinhos’¹⁵ dividiram a opinião pública, pois se trata de um movimento de jovens, normalmente das periferias da cidade, que em grupo se dirigem aos shoppings centers das cidades. Alguns casos relatam roubo, tumulto e depredação do patrimônio, mas na grande maioria apenas acontece do jovem ocupar o espaço, assustando os usuais frequentadores que aparentemente não tem interesse em dividir o mesmo lugar com os garotos. Após os ocorridos a Polícia Militar do Estado de São Paulo abriu um inquérito para investigar o movimento a partir de denúncias dos lojistas assustados com a multidão, que acusam os garotos de furto, roubo e perturbação do sossego. Os encontros eram marcados pelas redes sociais atraindo uma quantidade de pessoas que, segundo relatos, começavam calmos para depois promover correria entre os frequentadores. Assim, alguns shoppings de São Paulo, incluindo o Shopping Itaquera que fica na periferia da cidade, conseguiram liminares para a coibição dos eventos. Em contrapartida, a corregedoria da Polícia Militar chegou a afirmar que iria investigar também a ação de alguns policiais que, segundo testemunhos, coibiram o evento com truculência apenas pela presença dos jovens.

¹⁵ ‘Rolêzinho’ é o neologismo criado para definir um movimento criado nas periferias da capital paulista onde pequenos passeios são feitos em *shoppings centers*, reunindo dezenas de adolescentes.



Fotografia 2 - Polícia repreende jovens no Shopping Itaqueria. Fonte: Pragmatismo Político

Por um lado, sabe-se que esse tipo de empreendimento é privado, pois possui efetivamente um dono que vende aos lojistas o direito de utilizar o espaço, por isso as normas de conduta e uso aplicadas a ele são as mesmas de uma propriedade particular e não pública. Porém, ainda que seja uma propriedade privada, quem utiliza exerce um direito público que é o de frequentar. A questão é que se trata de um espaço privado de uso coletivo, mas este uso está subordinado à lógica da realização da mercadoria. Por isto, só podem frequentar apenas aqueles que podem pagar pelas mercadorias ali existentes e se o acesso for proibido para quem é alheio ao patrimônio, nem mesmo os próprios lojistas poderiam entrar, já que não são os proprietários por direito. O empreendimento também é sujeito a regras de direito público, pois ao receber a autorização da prefeitura para construir, aceitou regras como a do shopping ser aberto ao público independente do indivíduo estar ali para consumir ou apenas olhar, mas o que se sobrepõe é o direito do proprietário de decidir quem pode e quem não pode entrar. Por último, e não menos importante, a situação a qual são expostos os jovens que aderem a esse movimento pode ser considerada preconceito de classe, assim como racismo, que é crime em termos da lei. Quando se impede alguém de frequentar um lugar por sua cor, raça, classe social ou roupa que veste é passível de processo além de ampliar a segregação espacial entre classes sociais distintas.

O Brasil é um país que não conta com muitas iniciativas de espaços públicos acessíveis para os jovens, que explorem a cultura adequada para a idade onde os mesmos possam ser inseridos e possam conviver com o outro, sendo assim o *shopping center* assume essa funcionalidade. O fato de ser um lugar aberto ao público não muda em nada para o proprietário ou lojistas, pois os mesmos lucram da mesma forma, mas para o indivíduo, ser vigiado, controlado e muitas vezes proibido de circular livremente é algo que acentua ainda mais a sensação de exclusão.

A partir disso que explanamos anteriormente no capítulo, da expansão dos rendimentos, do apelo do capital ao moderno, o que pode acontecer é a atração de um novo público por esses novos eventos, e uma maior atenção do mercado imobiliário neste momento. Lefebvre (1991:91) aponta esse momento:

“Para que a usura ‘moral’ e a obsolescência das coisas trabalhem rapidamente, é preciso também que as necessidades envelheçam, que jovens necessidades as substituam. É a estratégia do desejo.”

Como contraponto do espaço público nas cidades, os shoppings atraem aqueles que acreditam que a liberdade do público pode ser substituída pelo lazer seguro de uma área particular. A instalação de um shopping em uma área na cidade redesenha o território redefinindo os espaços:

“Essas mudanças na cidade, no processo de valorização e na maneira como o espaço *stricto sensu* nele se insere, obviamente não ultrapassam a contradição e a diferenciação de classes. Pelo contrário, elas reforçam essa desigualdade social, na medida em que se produzem novas formas no espaço urbano, como bairros residenciais fechados e SC, que definem mais claramente (fisicamente) áreas de uso social específico. Além disso, já nessas formas, especificamente nos SC, um controle social desconhecido em áreas correlatas e que a privatização garante.” (PINTAUDI, 1992 pag. 57)

O que dizer então de um espaço que é público para se tornar esse tipo de propriedade? Um espaço antes destinado a momentos de lazer, cultura, de encontros, aberto a todos, que agora é passível de seleção de quem pode ou não entrar, um espaço sob controle? Assim como diz CARLOS (2007:57)

“A violência da transformação morfológica está associada, na metrópole, às intervenções urbanas que mudam, sem cessar, os usos dos lugares e com estes as modalidades e os tempos do uso. Ao transformar a morfologia, reduzem-se as possibilidades dos usos, esses entendidos como momentos essenciais da vida, em sua transformação radical, que fazem explodir as relações sociais tradicionais pela mudança nas funções do lugar (a rua é agora lugar de passagem, a praça está cercada e vigiada, o shopping center se descobre como lugar de lazer – a compra como lazer) dentro da metrópole, bem como da transformação do lugar em si. A articulação destes dois elementos influencia o valor do solo urbano na medida em que provoca a valorização da área, ao mesmo tempo em que, deteriora o uso. Ao alterar-se o uso, obriga-se as pessoas a se readaptarem, o que traz como consequência, a transformação das relações de sociabilidade, um exemplo disto seria o eclipse da rua tirou as crianças das calçadas e impôs um outro ritmo aos passos dos adultos. Mudam-se enfim os comportamentos, porque muda a relação espaço público/espaço privado; construído/não construído, e de maneira mais geral, o que diz respeito ao individual e ao plano de realização do coletivo.”

No excerto, a autora nos traz a noção da transformação do espaço em função da valorização do uso do solo, e como essa alteração influencia na sociabilidade do lugar e obriga os indivíduos a mudarem suas práticas cotidianas para se inserirem em um ciclo, no caso esse, do consumo.

No capítulo próximo explanaremos a real situação de Ferraz de Vasconcelos atualmente com as mudanças que vem ocorrendo nos espaços públicos da cidade, assim como um panorama relacionado aos municípios e nossas impressões em relação a tais transformações.

PRIVATIZAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO: O CASO DE FERRAZ DE VASCONCELOS

Dentro do que explanamos durante esse trabalho, passamos tentativa de entendimento entre o que vem a ser a esfera pública e a esfera privada, procurando mostrar assim como essa relação se reproduz no espaço vivido e, principalmente, como essa relação é cada dia mais apropriada pelos setores comerciais e imobiliários, na intenção de homogeneizar os empreendimentos de acordo com o mercado.

Buscando entender as transformações desta ordem que estão ocorrendo em Ferraz de Vasconcelos, procuramos mostrar como estas transformações estão relacionadas ao novo contexto histórico e social do país e como o município de Ferraz é uma expressão disto, apresentando um conjunto de famílias que hoje expandiram seus rendimentos e podem vir a buscar formas distintas de lazer e moradia espelhadas em outras classes sociais.

A iniciativa de se construir um *shopping center* na área que antes já foi um parque público gera opiniões de todos os tipos dentro do município, mas como todo grande empreendimento, há dificuldades para se chegar a um ponto comum sobre a construção que até esse momento ainda não foi iniciado, apesar de já ter sido anunciado e do espaço público ter sido dilapidado. Aqui tentaremos não adentrar muito aos motivos que não levaram ainda o shopping a ser construído, mesmo porque muito das negociações feitas não são abertas a conhecimento público.

Primeiro, há de se falar sobre a área onde se instalará, a priori, o dito shopping. A Vila Romanópolis foi, como resgatamos, o primeiro bairro de Ferraz de Vasconcelos, onde nele se iniciou a construção da cidade que mais tarde receberia o nome, é o bairro onde se concentra a sede administrativa do executivo, a Prefeitura Municipal, do legislativo, a Câmara Municipal, além do comércio concentrado na Avenida 15 de Novembro, e de casas de classe média alta e casarões históricos, e a estação ferroviária desde 1924, agora recém reformada e moderna. Em realidade, não se sabe muito bem aonde começa a termina o bairro, visto que seus limites se confundem com o bairro Centro.

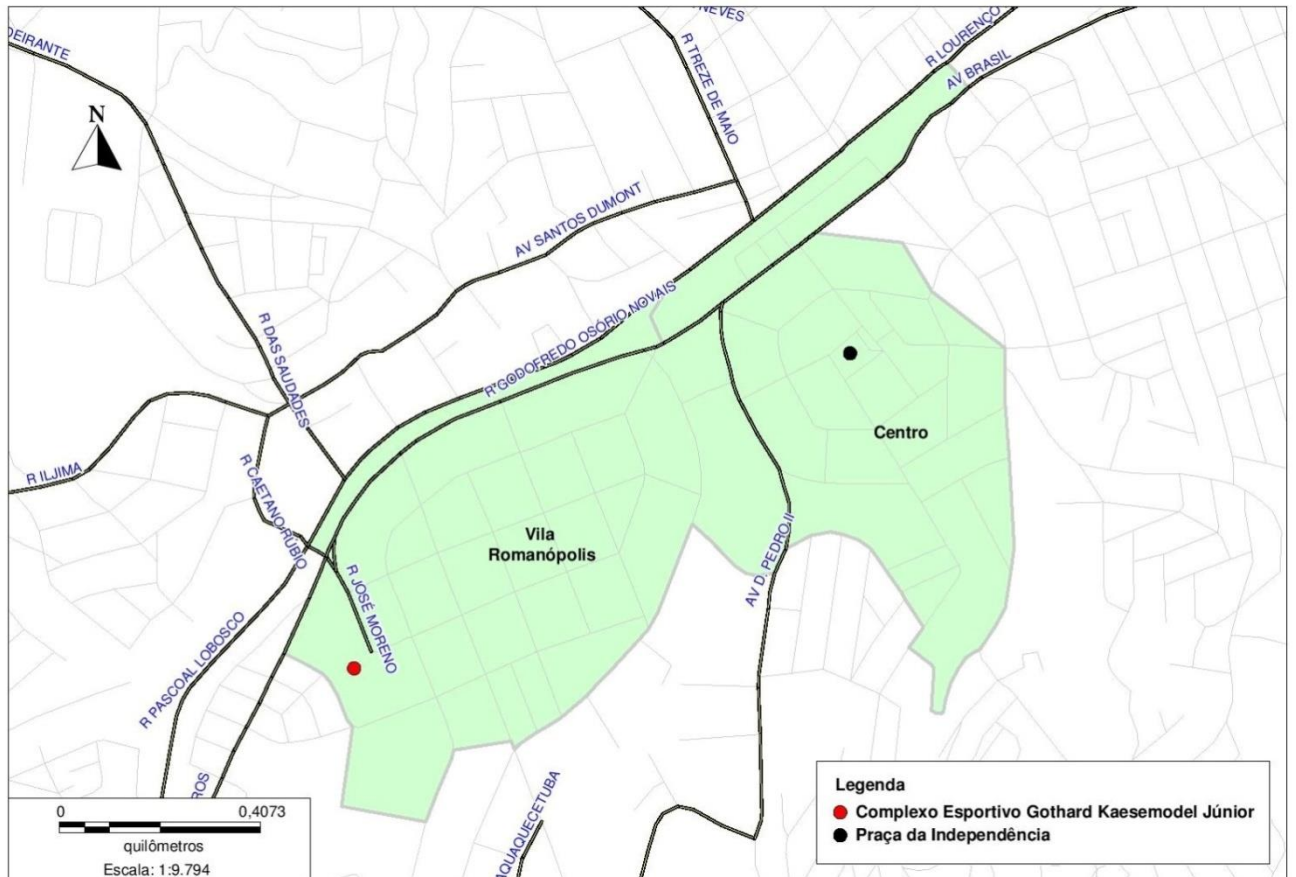


Figura 3 - Localização do 'Birutão'. Mapa desenvolvido por: Aline Silva Barros.

Segundo a EMPLASA - Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano - ao incluir a cidade nas Unidades de Informações Territorializadas (UITs) de 2011, Ferraz foi classificada com seis delas, sendo a Vila Romanópolis incluída na UIT 1. Nessa classificação, os padrões socioespaciais revelaram uma região com um padrão em grande maioria horizontal, mas que tende a uma urbanização bastante precária à medida que se afasta desse centro antigo do município.

Quase tão antigo quanto a cidade foi a Festa da Uva, fruto pelo qual a cidade ficou conhecida internacionalmente por ser a primeira a cultivar a variedade Itália. A festa era realizada em um terreno doado à prefeitura, onde acabou tornando-se uma área tradicional da cidade, de realização de inúmeras atividades, como mostram as fotos abaixo. Em 2003, o espaço foi modernizado e recebeu o apelido de 'Birutão'. Perde-se as contas de quantas vezes o lugar foi utilizado para promover eventos, onde inclusive começou a abrigar o grande evento da própria Festa da Uva. Jogos de futebol reunindo muitas pessoas já eram comuns nos finais de semana, depois

que um estádio foi construído manteve-se a tradição e o espaço foi transformado em um Complexo Poliesportivo.



Fotografia 3 - Jogo comemorativo no antigo 'Birutão'. Fonte: Robson Shimizu.



Fotografia 4 - Um dos eventos esportivos no Complexo. Fonte: Robson Shimizu.

É importante lembrar que o nome 'Birutão' foi popularmente adotado por conta de o Complexo ter sido construído no mandato do então prefeito José Carlos Fernandes Chacon, apelidado de 'Zé Biruta', que governou Ferraz de Vasconcelos por duas vezes, primeiramente de 1992 e 1996, e posteriormente de 2000 e 2004.

Em 2006, já sob o mandato do Prefeito Jorge Abissamra, o complexo passou por um período de reforma, onde novas salas e novos aparelhos esportivos foram colocados, pois muitas escolas municipais da cidade utilizavam o local para as práticas esportivas de crianças.

Mais tarde, precisamente em janeiro de 2012, a prefeitura municipal assinou um acordo com a empresa Matec Engenharia e Construção LTDA¹⁶ para a construção de um *shopping center* para os ferrazenses, escolhendo justamente a área do Birutão para abrigar o empreendimento e onde a empresa poderia explorar por 49 anos, ou seja, uma concessão. A princípio, teria um investimento de R\$ 90 milhões de reais para uma área de 17 mil metros quadrados e o começo da obra seria deslocar o curso do córrego existente ao lado da área, o que de fato chegou a ser feito pela prefeitura. Vale ressaltar que a empresa ganhadora também teria de construir um estádio municipal no bairro do Cambiri, o mais pobre e violento da cidade, assim como uma creche que atenderia 100 crianças. A Matec assim apresentou o protótipo do que seria o futuro shopping:



Figura 4 - Modelo do projeto do 'Shopping Ferraz'. Fonte: Lumine.

¹⁶ Fonte:

<http://www.matec.com.br/arquivos/Contrato%20para%20Constru%C3%A7%C3%A3o%20do%20Shopping%20Ferraz%20%C3%A9%20assinado%20-%20Fevereiro%202012.pdf>. Acessado em 20/05/2013.

Porém, a construção esbarra em causas básicas de cunho jurídico. Inicialmente o terreno foi uma área doada por uma família tradicional da cidade à prefeitura, e por esse motivo não poderia ser comercializada. Mas, ao assinar o contrato de concessão e receber o adiantamento da construtora, a prefeitura na época não se ateuve, propositalmente ou não, a esse detalhe, e com isso a obra até o momento está embargada. Em nota, a empresa confirma o interesse em continuar com a obra, mas esclarece:

“A Matec Engenharia esclarece que cumpriu integralmente as obrigações financeiras exigidas em edital e alinhadas com a Prefeitura e que tem total interesse em iniciar as obras para a construção do Shopping Ferraz. Para isso, no entanto, se faz necessária a resolução de pendências relacionadas ao terreno em questão pela Prefeitura.”¹⁷

Assim, o empreendimento continua num impasse e a área segue sofrendo com o mau uso e abandono do poder público, onde não há nenhum tipo de cuidado, tornando-se assim inutilizável para qualquer tipo de atividade.

¹⁷ Fonte: <http://oidiario.com.br/matec-diz-que-quer-construir-o-shopping-em-ferraz-mas-que-precisa-de-documentos-da-prefeitura/>. Acessado em 30/07/2015.



Fotografia 5 - Situação do 'Birutão' em 2012. Imagens feitas por Aline Silva Barros em trabalho de campo realizado em 28/11/2012.

Ao pensarmos no por que da escolha do local para a construção, pode-se entender, a partir da ideia de PINTAUDI, em como a inserção de um shopping pode vir a mudar a perspectiva do centro-bairro, como diz aqui:

“(...) a construção de SC de menor porte, obedecendo ao padrão brasileiro de localização, ou seja, junto à cidade ou em seus bairros, promoverá um deslocamento dos consumidores que anteriormente faziam suas compras em ruas comerciais do centro ou dos bairros. O SC, operando como “centro de bairro”, tem maiores chances de atrair o consumidor, na medida em que ele é planejado (aí não existe o acaso), porque se busca a otimização do capital investido, as lojas são selecionadas, o seu visual é adequado para aquela faixa de consumidores que se quer atingir.” (1992, pag. 42)

Ou seja, fica implícito que a implantação do estabelecimento em um dos bairros tradicionais da cidade seja para nivelar até mesmo os frequentadores do bairro, visto que a relação do espaço com o cidadão vai mudar, de um lugar público para privado, com vigilância para uma maior segurança de quem frequenta, pode ser vista como certa gentrificação do bairro, e a construção do shopping center viria para

se adequar também ao que aquele bairro representa para a cidade, de maior renda, valorizando seus imóveis.

Fica claro em algumas falas do prefeito do município, ouvidas em um debate eleitoral na Câmara Municipal¹⁸ que a intenção da construção do *shopping center* divide-se entre o fator econômico e o lazer, pois é inegável que o acesso de pessoas a um novo centro de compras em Ferraz viria a contribuir muito para o quadro de arrecadação municipal, além de atrair outros tipos de investimentos aumentando o interesse do mercado imobiliário.

Exemplo disso é o município de Suzano, também localizado no Alto Tietê, que inaugurou seu primeiro centro de compras no início dos anos 2000, em uma área de fácil acesso, e acabou promovendo a valorização imobiliária da região do empreendimento. A cidade também estava, em 2009, entre os vinte municípios paulistas que mais arrecadaram o ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços), o que interfere diretamente na economia da região e ajuda na geração de empregos no município.

Neste sentido, Ferraz lança seu planejamento para também possuir seu centro de compras próprio, no caso o *shopping center*. Em contrapartida, a subtração de uma área pública de lazer da cidade aliado à falta de planejamento para sua substituição ou ampliação de um número de equipamentos municipais voltados a isso, acaba por deixar o morador da cidade carente dessas estruturas. Também, a demora em finalizar do complexo (ao passo que as ações climáticas o deterioram) deixa a população a mercê da indecisão do que será feito do espaço.

Na época da assinatura do contrato, de fato, o Complexo Poliesportivo Gothard Kaesemodel Júnior era a única área de lazer público que concentrava uma grande quantidade de pessoas todos os dias para a prática do cotidiano. Era o local de encontros de pessoas sem a pressão da vigilância. Quando foi demolida para a construção do shopping, a prefeitura passou a ter em mente algumas alternativas de lazer enquanto a inauguração do mesmo não fosse feita, como se fosse uma substituição. Com isso, a prefeitura investiu em reformas de outra área central da cidade. Demolindo a antiga sede da prefeitura, a área foi transformada em um

¹⁸DATTV. Debate em Ferraz. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M60Dq2k5QzM>>. Acessado em: 31/08/2015.

Centro de Convenções, onde ali são promovidos alguns eventos culturais algumas vezes por ano. Porém, esse centro passa também pelo advento moderno da cultura do medo. Ao frequentar o local, o cidadão fica sob os olhos dos vigias do local, é obrigado a se retirar até às 20hs, horário de fechamento do Centro.

Ferraz de Vasconcelos tem uma população de crianças e jovens que cresce a cada ano de forma regular, e aqui trazemos a estatística:

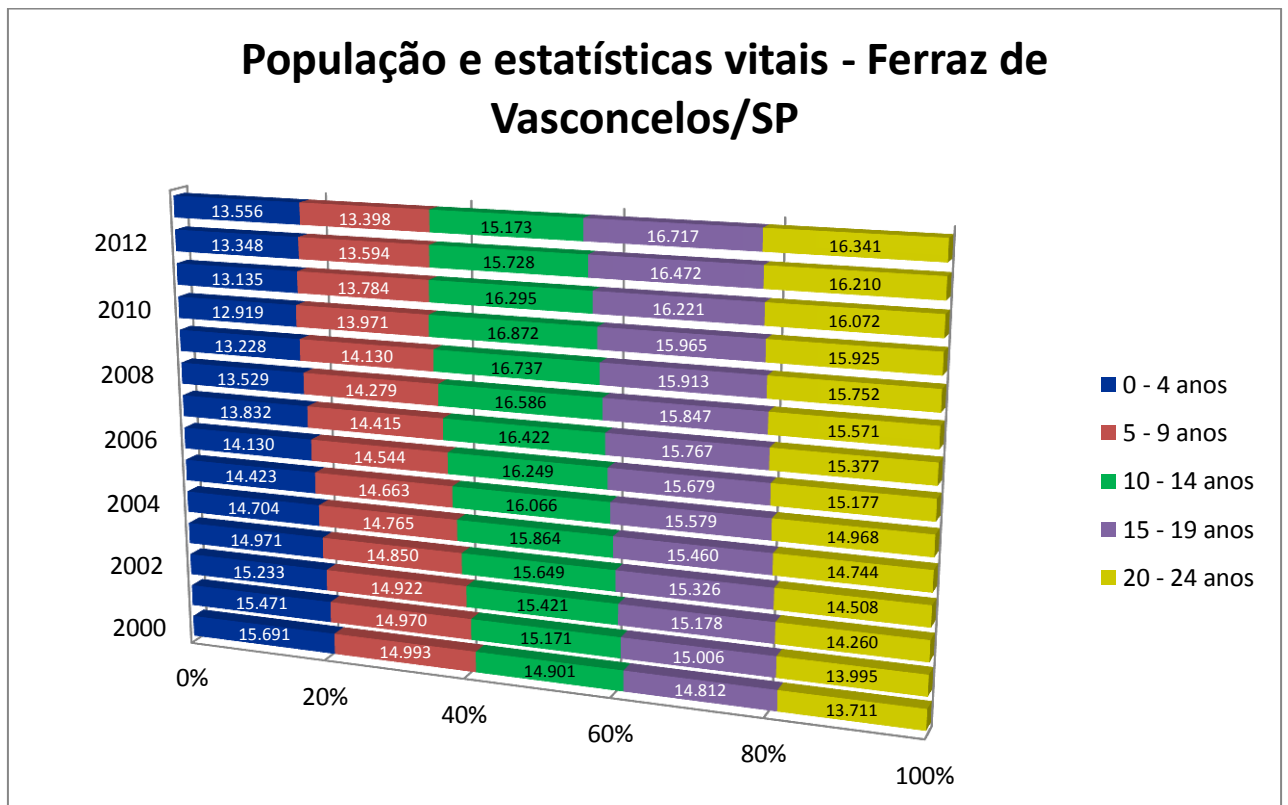


Gráfico 10: População e estatísticas vitais em Ferraz de Vasconcelos. Desenvolvido por Aline Silva Barros. Fonte: Fundação SEADE.

O tempo livre é essencial para a qualidade de vida do ser humano, e o lazer faz parte desse tempo também. Sabemos que a diferença de acesso entre o lazer não é igualitário em todos os setores sociais, então como poderia o poder público garantir o acesso ao lazer em uma cidade em que o número tanto o número de idosos quanto de jovens tem aumentado? Sabe-se que o lazer de forma privada é inacessível a grande parte das camadas sociais, e mesmo com algumas classes mais baixas conquistando um poder de compra mais acentuado, o que significaria a troca de um espaço público amplamente acessível para um de acesso limitado, vigiado e carregado de ações segregacionistas?

São muitos os problemas de uma cidade de periferia sem áreas de lazer, cultura e esporte, pois esse tipo de acesso muitas vezes se faz apenas para classes sociais mais altas, e quando se concentram nos centros costuma-se encontrar certo tipo de resistência no convívio com cidadãos da periferia, por todo o estigma que carregam. Quando não há o estímulo do lazer e cultura para o cidadão, principalmente no que se refere ao jovem, torna mais fácil o caminho do mesmo para a criminalidade, onde acabam por serem as maiores da violência urbana, ainda mais quando se encontram em situação de pobreza em que o acesso a bens que todos os dias estão em evidência na TV, internet e outdoors parecem inatingíveis¹⁹.

Os 'rolezinhos' anteriormente citados não são de longe o único tipo de situação envolvendo jovens de periferia em ambientes vigiados que ocorre, é apenas um deles. O primeiro organizador desse tipo de evento em São Paulo, Jefferson Luis, em entrevista à Carta Capital²⁰ reafirma o que aqui é discutido, que carência de lazer nos bairros de periferia cria um sentimento vazio no jovem que deseja inserir-se em um mundo onde frequentemente é excluído pelo simples motivo de ser de outra classe social. Sendo o shopping o único lugar de lazer das redondezas, ele apresenta-se gratuito, mas o preço pago por frequentá-lo vai além, segundo o rapaz: "Se eu for ao shopping hoje, não vou encontrar pessoas iguais a mim. Vou encontrar quem vai lá para comprar, rica, e dificilmente vou conseguir conhecer essas pessoas. Vão me olhar e pensar que eu sou favelado. Eu tenho receio de conversar com pessoas de alto nível". Intrinsecamente, o shopping é um ambiente de distinção de classes mesmo que instalado em cidades periféricas, construí-lo é uma tentativa de atrair o consumo e não se encaixar no perfil é o mesmo que ser excluído. Ainda diz: "Eu estava animado, vi bastante menina bonita, pessoas diferentes, estava tudo sendo legal, mas infelizmente aconteceu o que aconteceu. Acho que ver um monte de moleque de boné, bermuda larga, negro, no shopping, deixou eles [sic] com medo." Isso é apenas o retrato da era contemporânea.

¹⁹ Fonte: http://www.fef.unicamp.br/fef/sites/uploads/deafa/qvaf/evolucao_cap1.pdf e <http://www.aems.edu.br/conexao/edicaoanterior/Sumario/2012/downloads/2012/saude/A%20IMPORT%C3%82NCIA%20DO%20LAZER%20PARA%20A%20QUALIDADE%20DE%20VIDA%20DO%20TRABALHADOR.pdf>.

Acessado em 23/05/2015.

²⁰ Fonte: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/eu-ja-sentia-o-preconceito-antes-6245.html>. Acessado em 30/07/2015 às 20h45min.

Os preconceitos que a sociedade carrega, onde o que se veste ou que cor possui, refletem diretamente nesse tipo de ambiente. A arrecadação de valores, aparentemente, mostra-se a verdadeira razão a qual uma prefeitura submeteria o município a esse tipo de troca, visto que um *shopping center* nunca garantiria sequer metade da socialização desvinculada do consumo e estratégia do desejo praticada pelos comércios interessados, ao passo que a ideia da modernidade é justamente acentuar a individualidade.

Poá, por exemplo, mostra-se uma cidade que a cada ano procura valorizar seus locais de lazer, possuindo um centro forte com diversos comércios e sempre se destacando com bons números no PIB, IDHM e investimento em lazer e esportes, como já foi apontado no gráfico anteriormente. Mesmo sendo uma cidade pequena (possui pouco mais da metade do tamanho de Ferraz), em seu centro concentra pelo menos três praças públicas amplamente frequentadas pelos munícipes, abrigando todos os anos a tradicional Festa das Orquídeas. Para a cidade em nenhum momento foi necessário pensar a construção de outro centro de comércio local para atrair empregos ou lazer. Poá, assim como Ferraz de Vasconcelos, é uma cidade dormitório, onde a maior parte da classe trabalhadora concentra-se na capital ou no pólo comercial e industrial de Mogi das Cruzes e Suzano, mas a necessidade de se incluir um centro de compras fechado no desenho da cidade nunca se mostrou importante ou cogitável.

A grande questão é que a maior parte das pessoas não se dá conta do que pode significar para a vida pública da cidade uma mudança de uso como essa, mesmo porque em todo momento um empreendimento como esse tem sido sinônimo de modernidade, sendo uma forma contemporânea de produção do espaço e acumulação do capital. A identidade do espaço fica a mercê da produção. SOBARZO (2006) baseado em CARLOS (2004) aponta:

“No momento atual, essa relação do lugar com o global implica num conflito entre novos modelos culturais e de comportamento, ligados ao consumo e ao mundo da mercadoria, e às especificidades das relações da vida no lugar. A irrupção de uma rotina organizada da vida cotidiana transforma radicalmente a sociabilidade, ao transformar os usos e as formas de relacionamento dos e nos lugares, significando a redefinição

da prática socioespacial. Nesse processo, o Estado também cumpre um papel importante porque pretende organizar a vida cotidiana, normatizando os usos.” (2006: 105)

Em acordo com o excerto, substituir um espaço público por um que é uma privatização do mesmo causa uma redefinição da prática cotidiana, da realização da vida, e o Estado como agente organizador é diretamente responsável por isso. Em Ferraz, o próprio prefeito regente, o senhor Acir Filló, admitiu em um debate para as eleições da prefeitura em 2012 que a princípio não concordava com a mudança por retirar da população o único espaço público e acessível da cidade, mas que mudou de opinião refletindo sobre a quantidade de empregos que a construção do shopping traria o que na verdade aparentemente não passaram da famosa promessa de campanha em troca de alguns votos, como aparece mais frequentemente em cidades médias e pequenas, embora ocorra também em grandes cidade, as relações de poder ficando evidentes quase como coronelismos.

A tomada de consciência pela população seria uma das saídas para a manutenção do lugar, e a pressão por outras ações que assegurassem o espaço aberto sem o poder de dominação de classes e do capital seria do ponto de vista democrático, o melhor caminho.

Exemplo disso foi em Istambul onde, em 2013, dezenas de manifestações ocorreram em prol da manutenção do Parque Gezi localizado junto à Praça Taksim, uma das principais praças da cidade que seria substituído exatamente por um *shopping center*. Os cidadãos reclamavam das medidas governamentais que vinham ferindo a liberdade de expressão e o direito de reunião de qualquer pessoa em qualquer parte da cidade, além de permitir um acesso controlado ao lugar. Sendo um dos poucos espaços verdes que ainda restam na capital da Turquia, substituir as árvores por quilos de concreto não foi encarado como um passo para a modernidade na cidade, mesmo as autoridades alegando que no empreendimento também seriam construídos uma ópera, centros culturais, teatros e uma mesquita. Foram protestos que mobilizaram o país em favor do espaço público, o que acabou resultando no cancelamento da obra e a reabertura do mesmo para uso comum.

Guardadas as devidas proporções, o processo é o mesmo que ocorre na modesta Ferraz, porém os interesses dominantes (políticos locais, empreendedores, mídia local) trabalham para que sempre o investimento no espaço privado em detrimento do público seja aceito pela sociedade. Não há qualquer reflexão sobre segregação e o processo de circulação e domínio do espaço, o público é visto como barbárie, inseguro e que deve ser isolado. O apelo por segurança traz uma síndrome que não permite que os cidadãos queiram conviver uns com os outros, pois se consideram distintos e que um de fato não merece ou pertence ao mesmo espaço que ele. É o desserviço que faz tanto a mídia, quanto o Estado e as iniciativas privadas. Não seria diferente em Ferraz de Vasconcelos.

Em um trabalho de campo feito em janeiro de 2015 no Centro de Convenções da cidade, foi feita uma pesquisa com o intuito de saber dos munícipes a opinião sobre a instalação do *shopping center*. Em um final de semana, um total de vinte pessoas que frequentavam o lugar foram entrevistadas tendo como base um questionário com as seguintes perguntas:

- Idade;
- Sente falta de outros lugares parecidos na cidade;
- Frequentava o 'Birutão';
- Concorda com a construção do shopping ali;
- Prefere um shopping ou um parque público.

Considerando o resultado, temos a seguinte amostra:

Idade	Frequentava o 'Birutão'	Sente falta de outros lugares parecidos na cidade	Concorda com a construção do shopping ali	Shopping ou parque público
17	Sim	Sim	Sim	Shopping
19	Não	Sim	Sim	Shopping
21	Sim	Sim	Sim	Shopping
22	Não	Sim	Sim	Shopping
23	Sim	Sim	Sim	Shopping
25	Não	Sim	Sim	Shopping
25	Não	Sim	Sim	Shopping
26	Não	Sim	Sim	Shopping
31	Sim	Sim	Sim	Shopping
36	Não	Sim	Não	Shopping
42	Não	Sim	Não	Shopping
43	Não	Sim	Não	Shopping
43	Não	Sim	Não	Shopping
46	Não	Sim	Sim	Shopping
50	Sim	Sim	Não	Parque
53	Não	Sim	Sim	Shopping
55	Sim	Sim	Não	Parque
55	Não	Sim	Não	Shopping
57	Sim	Sim	Sim	Shopping
60	Não	Sim	Sim	Shopping

Tabela 3: Resultados da pesquisa de campo.

Ficou claro pela tabela que todos os entrevistados de 15 a 30 anos concordam com a instalação do shopping no lugar do espaço público, apesar da maioria não frequentar o 'Birutão' antes da demolição, e que entre eles, 100% preferem ter um *shopping center* a um parque público. Já entre os entrevistados de 31 a 45 anos, apenas um frequentava o complexo antes de ser demolido, mas o interessante é que apesar de todos concordarem que entre um shopping ou um parque público, prefeririam o centro de compras, mas que não gostariam que o parque público fosse demolido para a construção do mesmo. Já entre os entrevistados de 46 a 60 anos, obtivemos um resultado equilibrado entre frequência e se concorda com a construção do shopping no lugar, e o interessante fica por conta de dois que não concordam com a construção do empreendimento, preferiam um parque ao shopping, onde inclusive foram os únicos da pesquisa que concordavam nesse ponto. Em tempo, a pesquisa revelou que todos os entrevistados concordaram que sentem falta de outros lugares parecidos na cidade.

O geral da pesquisa nos mostra a ampla preferência pela construção do *shopping center*, visto que a maior parte dos entrevistados não frequentava o parque público, o que dá visibilidade ao problema de alienação ao processo de produção e a fácil aceitação de um substituto para uso de consumo e circulação de capital no lugar.

Não houve, para a maioria, o processo de apropriação do bairro, como uma conquista do espaço, que desencadeasse uma relação, uma experiência coletiva que pudesse desencadear uma resistência ao fechamento do parque público e a abertura do shopping em seu lugar. Como nos diz SOBARZO:

“Acreditamos que a conjunção de pertencimento e reconhecimento pode levar à mobilização social como forma de superação de conflitos e de subversão e transformação da realidade. O embate entre o espaço abstrato da dominação - representações do espaço- e o espaço concreto e subjetivo da apropriação - espaços de representação - evidencia os conflitos e as contradições do espaço urbano”. (2006: 108)

A apropriação de um espaço pelos próprios cidadãos, o que é diferente da produção do espaço da dominação que é instrumento da reprodução capitalista, seria um passo a frente para uma conscientização ou uma noção de pertencimento. A apropriação do espaço pelas pessoas os força a fazer uma espécie de ponte entre o ambiente individual e a comunidade, fazendo a integração entre pessoas, assim como despertando a consciência coletiva, responsável pelas transformações, subversões e utopias. A criação de um movimento verdadeiramente social que promova bem estar coletivo e promoção de uma consciência cidadã, sendo assim importante reconhecer o papel do espaço nesse processo de mudança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver essa pesquisa, acima de tudo, foi uma experiência que ajudou de diversas formas a agregar conhecimentos e reforçar conceitos e teorias que, por vezes, acabam esquecidos durante o curso da graduação.

Elaborar o tema, pesquisar a bibliografia pertinente, entrevistar pessoas, lidar com tabelas e gráficos certamente foi um desafio que, ao ser ultrapassado trouxe benesses, pois a partir disso pude conhecer a história de Ferraz de Vasconcelos, cidade a qual cresci, que antes não conhecia, assim como estou certa que a grande maioria dos ferrazenses não conhece.

Poder observar Ferraz pelo seu viés histórico e comprovar como ela também foi importante para o desenvolvimento da cidade de São Paulo e da região do Alto Tietê foi, particularmente, o ponto alto do trabalho para mim, assim como entender a dinâmica a qual a cidade foi estabelecida por estar tão próxima à capital.

A partir da pesquisa, pudemos entender como se coloca a cidade de Ferraz de Vasconcelos na macrometrópole paulista, fazer comparações com outras cidades da região e comprovar o quanto, desde os seus primórdios, os seus avanços de população e setores de trabalho e renda são resultado, também, do crescimento da cidade de São Paulo, e no que se refere a chegada de empreendimentos modernos, também não é diferente.

Apesar de ser uma cidade com uma baixa renda se comparada a outras da região metropolitana, Ferraz de Vasconcelos se sustenta a partir de suas fábricas e seu setor de serviços, que cresce concomitante com o momento econômico vivido pelo Brasil na última década, mas mesmo assim segue sendo uma cidade que cede mão-de-obra para outras cidades, por não ter uma economia suficientemente forte para comportar uma grande quantidade de empregos, sendo assim tida, como citamos, uma cidade dormitório.

A expectativa de levar um *shopping center* à cidade foi colocada como uma das formas de modernizar a cidade, para se equiparar a outras que também recebem esse tipo de investimento, e aqui tentamos elaborar algumas teorias do

porquê levar a frente um projeto deste âmbito, tendo ainda o agravante de substituir uma área pública por uma privada, no caso, uma praça.

Tentamos aqui, através de hipóteses, compreender o que um empreendimento como um centro de compras poderia trazer para cidade, não com o intuito de julgar se bom ou ruim, mesmo porque foram trazidos dados de outras cidades da região do Alto Tietê que passaram por processo semelhante ao de Ferraz de Vasconcelos, alcançando bons retornos financeiros com o aumento natural do número de empregos assim como arrecadação para o município e valorização do entorno. Porém, ao mesmo tempo, levantamos questões pertinentes com relação ao que mudaria para a população transformando um uso público em um uso privado, do que significou para a história da cidade e o desenvolvimento do conceito de coletividade dos ferrazenses o complexo poliesportivo, e o que significaria sua retirada para a implantação de um centro de compras. Introduzimos a problemática do preconceito de classe e racismo existentes num ambiente como o *shopping center*, assim como problematizamos a sociedade atual refém do medo e da individualidade que aborta as convivências com o diferente, com o que lhe é estranho.

Julgamos importante que haja uma consciência coletiva entre os munícipes de perceber as mudanças que um empreendimento dessa grandeza proporciona à cidade. Independente do momento econômico que vive o país, é importante ter noção mínima do poder de impacto social de um *shopping center* em uma área pública e, principalmente, achamos importante a causa coletiva, porque acreditamos que é através dela que as causas sociais tem efeito, e só a partir da coletividade e interesse mútuo não pautado na individualidade é que as mudanças e transformações são possíveis. Acreditamos que apropriar-se de um lugar para uma causa coletiva e ter uma noção de pertencimento é fundamental para o entendimento dos conflitos dentro de um ambiente urbano, como diz SOBARZO:

“(...) apropriação do espaço público, construção do lugar, identidade e reconhecimento, considerados como momentos de criação e movimento para vislumbrar uma alternativa. Deixar de lado a espera e criar a esperança, avançando na procura de novos caminhos para a mudança.” (2006:108).

Assim, essa pesquisa não teve o objetivo de apontar o certo ou o errado, mas mostrar alguns lados possíveis do que viria a acontecer à cidade com os novos empreendimentos, baseados em casos de outros municípios. Assim como entender o que Ferraz de Vasconcelos significa no meio da metrópole, no que se parece e se difere, que características carrega por ser fronteira de São Paulo, entender como e por que o *shopping center* se coloca como necessário para um projeto municipal e quais seriam seus objetivos, dentre outras coisas. Ferraz, como cidade, carrega seus próprios traços, mas fica evidente de que cresce e se arranja igual, mesmo que com certo atraso, a cidades como São Paulo, guardadas, obviamente, as devidas proporções, exatamente por ser reflexo.

Creemos que, no que foi proposto inicialmente, cumpriu-se o objetivo da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. A Condição Humana. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003 [2001].

BARTELT, Dawid Danilo (org.) A “Nova Classe Média” no Brasil como Conceito e Projeto Político. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34 e Edusp, 2000.

.

CARLOS, Ana Fani A. Reflexões sobre o espaço geográfico. Dissertação de Mestrado. São Paulo: 1979.

CARLOS, Ana Fani A. A condição espacial. São Paulo: Contexto, 2011.

CARLOS, Ana Fani A. A cidade. São Paulo: Contexto, 2011.

CORRÊA, Roberto L. Espaço, um conceito chave da geografia. In: Castro, Iná et al. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

FERREIRA, Paulo Emilio Buarque. Apropriação do espaço urbano e as políticas de intervenção urbana e habitacional no centro de São Paulo. Dissertação de mestrado. São Paulo: 2007.

GODOY, Paulo Roberto Teixeira de. A produção do espaço: uma reaproximação conceitual da perspectiva Lefebvriana. In: Revista GEOUSP – Espaço e Tempo, Nº 23, pag. 125 – 132. São Paulo: 2008.

LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: ÉditionsAnthropos, 2000). Primeira versão : início - fev.2006.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

LUNGENBUCH, Juergen Richard. A estruturação da grande São Paulo – estudo de geografia urbana. Instituto Brasileiro de Geografia. Departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica. Rio de Janeiro, 1971.

PADILHA, Valquíria. Shopping Center: a catedral das mercadorias. São paulo. Boitempo, 2006.

PARENTE, Karlos Marques Nunes. ESPAÇOS PÚBLICOS E PRIVADOS DE LAZER E TURISMO NA ORLA OESTE DE FORTALEZA: Embates políticos e contradições socioespaciais. Dissertação de mestrado. Fortaleza: 2012.

PINTAUDI, Silvana Maria & FRÚGGOLI JR., Heitor (Orgs.). Shopping Centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras. São Paulo: Ed. Da UNESP, 1992.

PINTAUDI, S. e FRÚGGOLI JR., Heitor . (Org.). Shopping Centers: Espaço, Cultura e Modernidade nas Cidades Brasileiras. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SANTOS, Milton. Metamorfose do espaço habitado - Fundamentos teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo 1988.

SOBARZO, Oscar. A produção do espaço público: da dominação à apropriação. In: Revista GEOUSP – Espaço e Tempo, Nº 19, pag. 93 – 111. São Paulo: 2006.

YURGEL, Marlene. Urbanismo e Lazer. São Paulo: Nobel, 1983.